

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA- PUC-SP
ANA CRISTINA DE ANGELIS VIZZA

A CONSTRUÇÃO DO PERFIL VIRTUAL:
Um estudo sobre usuários do Facebook

SÃO PAULO-SP
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO- PUCSP
ANA CRISTINA DE ANGELIS VIZZA

A CONSTRUÇÃO DO PERFIL VIRTUAL:
Um estudo sobre usuários do Facebook

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, como requisito do título de Bacharel.

Orientadora: Prof. Dra. Ivelise Fortim de Campos.

São Paulo
2017

“Hoje a identidade de uma pessoa é fruto de determinadas escolhas em meio a inúmeras possibilidades.”
- Zygmunt Bauman

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof. Dra. Ivelise Fortim, por ter me acolhido e dado todo suporte nessa pesquisa, com paciência, atenção e simpatia.

À minha família, por me apoiar e estar presente em todos os momentos da minha vida, sempre me incentivando e acreditando em mim.

Aos meus colegas da PUC-SP, por compartilhar conhecimento, angústias e por ajudar durante toda a graduação.

Aos meus amigos, que me acolheram, me escutaram e me apoiaram ao longo de todo esse percurso.

RESUMO

VIZZA, Ana C. **A Construção do Perfil Virtual: Um estudo sobre os usuários do Facebook**. São Paulo, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar como os jovens constroem os seus perfis nas redes sociais, em específico no site de relacionamentos Facebook; visa, também, compreender a) qual imagem que o sujeito quer mostrar no seu perfil, procurando entender quais conteúdos escolhem para postar e se os modifica posteriormente; b) como os jovens fazem relação entre os perfis virtuais e a vivência off-line; c) Fazer uma análise sobre a construção do perfil do Facebook tendo em vista o conceito de Persona e Sombra da Psicologia Analítica. Para isso, foi realizada uma entrevista semidirigida com quatro usuários do Facebook. A partir dos relatos, foram criadas categorias de análise, onde as respostas foram agrupadas e analisadas sob a perspectiva da Psicologia Analítica, com foco nos conceitos de Sombra e Persona. Por fim, foi observado que os usuários publicam conteúdos que tenham relação com os seus interesses pessoais, assim como escolhem manter na rede social pessoas que têm um laço em comum fora da rede virtual e mantem sua persona offline em seus perfis online. Essa pesquisa ajudou a compreender como os sujeitos escolhem os conteúdos que serão publicados, visando a imagem que eles mostrar para os outros usuários.

Palavras-chave: Identidade virtual; Facebook; Redes sociais.

Sumário

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
INTRODUÇÃO	9
OBJETIVO	11
1.1 Objetivo Geral	11
1.2 Objetivo Específico	11
1. Redes Sociais	12
1.1 Interação, Relação e Laços sociais	13
2. História do Facebook	16
3. Perfil Virtual	19
3.1 Formação da identidade	19
3.2 Construção do Perfil Online	21
3.3 The Big Five Personality e os perfis Facebook	24
3.4 Autenticidade do perfil	27
3.5 Privacidade do perfil	28
4. Persona e Sombra	32
4.1 Conceito de Persona e Sombra	32
4.2 Identidade para Psicologia Analítica	35
4.3 Personas no Facebook	36
5. MÉTODO	38
5.1 Características do estudo	38
5.2 Local do estudo	38
5.3 Instrumentos de Pesquisa	38
5.4 Procedimento da pesquisa	38
a. Critério de inclusão de participantes	38

b. Critério de exclusão de participantes	39
c. Método de seleção de amostra	39
d. Duração e Sequência de aplicação dos instrumentos.....	40
5.5 Método de análise dos dados	40
5.6 Cuidados Éticos	40
6.RESULTADOS.....	42
6.1 Caracterização da amostra	42
6.1.1 Breve apresentação do participantes.....	42
6.2 Motivações para o uso do Facebook.....	43
6.2.1 Compartilhar interesses pessoais	43
6.2.2 Mostrar algo para outros usuários	44
6.3 Interesses pessoais no Facebook.....	44
6.3.1 Explicitar opinião sobre um assunto.....	44
6.3.2 Identificação com a vida offline	45
6.4 Privacidade no Facebook.....	46
6.4.1 Critérios para adicionar alguém na rede social	46
6.4.2 Uso de recursos de bloqueio	47
6.4.3 Arrependimento, modificação e exclusão de conteúdos	48
6.5 Perfil online versus Vida offline	50
6.6 Outros dados	51
6.6.1 Evitar conflitos	51
7. DISCUSSÃO	52
7.1 Discussão sobre Persona e Sombra nos perfis.....	59
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	63
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética.....	70
APÊNCIE A – Questionário Online.....	74

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista	76
APÊNDICE C – Transcrição das Entrevistas.....	77

INTRODUÇÃO

Atualmente, as redes sociais estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Sites de relacionamento são utilizados por milhares de pessoas, em especial por jovens e adolescentes (VAZ, 2011). No entanto, há pessoas de todas as faixas etárias que utilizam esse serviço e tem um perfil ativo na rede (LIZ, SANTOS e JOHN; 2012).

Levando em consideração que as redes sociais, hoje em dia, fazem parte do cotidiano de uma grande parte da população e que para acessar é necessário montar um perfil em que as pessoas precisam expor alguns aspectos relevantes para elas, que podem ser ou não compatíveis com a sua personalidade na vida off-line (VAZ, 2011). É de fundamental importância a psicologia compreender o processo de construção de perfil no ambiente virtual, uma vez que envolve a subjetividade dos usuários.

Os perfis montados nas redes sociais, geralmente, estão intimamente ligados com a vida off-line dos usuários. No entanto por ser um ambiente online, de rápida circulação, muitas vezes as informações contidas nele são modificadas ou deletadas. Essas alterações fazem parte de uma continua construção, que está diretamente relacionada com a imagem que a pessoa quer apresentar sobre ela para os outros usuários da rede.

Este trabalho tem como finalidade analisar a construção do perfil de jovens usuários do Facebook, assim como suas motivações para possíveis alterações ao longo da construção do perfil.

Ao longo desse trabalho, será discutido o que são as redes sociais; como ocorrem as interações, relações e laços sociais dentro e fora da internet; a construção da identidade e do perfil virtual; autenticidade do perfil; tipos de personalidade e os perfis no Facebook; privacidade online; conceito de sombra e persona; como são apresentadas as personas no Facebook e identidade para a psicologia analítica.

A construção do perfil virtual, será discutido tendo em vista os conceitos de persona e sombra da Psicologia Analítica. Esses conceitos foram escolhidos, pois Segundo Hall C. (2005), na psicologia junguiana, a persona pode ser vista como uma espécie de máscara ou fachada que é ostentada publicamente com a intenção de provocar uma boa impressão, tendo como objetivo a aceitação social. Nessa mesma linha, Stein (2006) defende que há duas fontes de persona, uma fonte de caráter pessoal, ligada

as ambições e objetivos sociais do indivíduo e outra relacionada com as expectativas e demandas do meio social, por exemplo como se comportar de forma adequada em diversos grupos. A sombra, em oposição à persona, é constituída pela rejeição de qualidades que não foram bem aceitas pelo Ego. Com essa breve definição, nota-se que é importante perceber a forma de construção da persona nas redes sociais, inclusive porque esses sites de relacionamento são muito acessados mundialmente, inclusive no Brasil.

No Brasil, as redes sociais estão se popularizando e ganhando cada vez mais usuários. Se levar em conta que os dados levantados pelo Kantar IBOPE (2016), cerca de 83% dos brasileiros que tem acesso a internet navegaram pelos sites de redes sociais no último mês. Também, em 2015, o próprio Facebook fez uma pesquisa em que aponta que 45% da população brasileira, no ano de 2015, acessavam esse site por mês. (FACEBOOK a, 2015).

Por esses motivos o tema despertou interesse, pois além de ser um tema contemporâneo, de acordo com IBOPE inteligência (2014) foi constatado que os jovens entre 15 e 32 anos possuem em média 7 perfis em redes, entre elas as mais comuns Facebook, YouTube, Twitter, Skype, entre outras tantas. O que mais chama atenção é notar os conteúdos que as pessoas colocam nessas redes, principalmente no Facebook. Além de pensar o quanto esses conteúdos, colaboram para a formação da imagem que outros usuários terão sobre aquele indivíduo, mesmo fora do contexto virtual.

Com base em todos esses aspectos apresentados, nota-se que, atualmente, a vida online e off-line das pessoas estão extremamente entrelaçadas. É difícil ver um limite claro entre elas, uma vez que o que é publicado nas redes sociais afeta o cotidiano e a vida offline das pessoas.

OBJETIVO

1.1 Objetivo Geral

Investigar como os jovens constroem os seus perfis nas redes sociais, em específico no site de relacionamentos Facebook.

1.2 Objetivo Específico

- a) Compreender qual imagem que o sujeito quer mostrar no seu perfil, procurando entender quais conteúdos escolhem para postar e se os modifica posteriormente.
- b) Compreender como os jovens fazem relação entre os perfis virtuais e a vivência off-line.
- c) Fazer uma análise sobre a construção do perfil do Facebook tendo em vista o conceito de Persona e Sombra da Psicologia Analítica.

1. Redes Sociais

Antes de começar a definir o processo de construção da identidade online, é necessário, primeiramente, entender o conceito de redes sociais e porque o Facebook é considerado uma delas.

As redes sociais, de acordo com Recuero (2009) são formadas por dois elementos principais. O primeiro elemento são os atores, ou seja, as pessoas, grupos e instituições que fazem parte da rede. O segundo ponto são as conexões que são feitas pelos atores, como por exemplos as interações e os laços sociais. Os atores, são vistos como o modo que os internautas se representam nas redes sociais. Geralmente, expressando aspectos de sua personalidade e individualidade para outros usuários. Isso impulsiona a interação social entre os indivíduos daquela rede.

As redes sociais, para essa autora, podem ser compreendidas através de três critérios básicos: *a.* lugar onde as personas fazem sua representação de si, por meio de um perfil individual; *b.* por meio de ferramentas disponíveis, suas redes sociais acabam sendo públicas; e *c.* é um lugar que pode ser utilizado pelos atores como uma plataforma de interação e conversação com outras pessoas. (RECUERO, 2009; RECUERO, 2014)

A definição de redes sociais é feita através de dois elementos: a apropriação e a estrutura. Sendo que, segundo Recuero (2009), a apropriação refere-se ao uso das ferramentas por meio da interação entre os usuários; enquanto a estrutura tem como característica central a exposição pública, seja por meio da “lista de amigos” ou pelas conversas trocadas pelos internautas. É importante ressaltar que a estrutura é muito importante na rede social, porque é através dela e de como o usuário monta seu perfil - por meio de publicações, listas de amigos, fotos, etc- que os outros usuários começam a ter uma ideia sobre o outro internauta.

Nota-se que o Facebook, pode ser considerado uma rede social, pois nela está presente todos os aspectos que caracterizam o que é uma rede social. Essa rede aos poucos abrange mais ferramentas e recursos, que vão sendo apropriadas e estruturadas por seus internautas e com isso ganhando mais popularidade entre seus usuários.

No entanto, um ponto importante é diferenciar as redes sociais dos sites de redes sociais. Para isso, deve se considerar a definição de Recuero (2009), que defende que “Sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet.” (p.102). Ou seja, o site em si, não é uma rede social, é apenas um suporte para que as relações que definem a rede social aconteçam.

Atualmente, porém o suporte não é necessariamente um site, existem outros formatos. Uma forma de acesso muito comum nas redes sociais é através de aplicativos baixados nos celulares.

Através dessa breve definição, dada pela autora, sobre as redes sociais é possível concluir que Facebook, Twitter, Myspace, Instagram, LinkedIn, entre outras são consideradas redes sociais, pois atendem os critérios estabelecidos acima. O Facebook, assim como as outras redes sociais, é um espaço que propicia a interação social. No entanto, há algumas pequenas diferenças entre as interações, relações e laços sociais dentro e fora do contexto virtual que serão abordadas a seguir.

1.1 Interação, Relação e Laços sociais

Com o avanço da tecnologia, os meios de interação foram sofrendo um série de alterações. Com a internet, é possível se comunicar de diversos modos com outras pessoas, sendo assim as relações e os laços sociais acabaram ganhando novos contornos com essas mudanças.

Tendo em vista o trabalho de Recuero (2009) é possível entender e diferenciar as interações, relações e laços sociais. Para a autora, as interações sociais podem ser compreendidas como ações que tem como objetivo a comunicação entre os indivíduos e seus pares. Essas interações podem ser sincrônicas, ou seja, em tempo real, em que os indivíduos interagem simultaneamente. Ou podem ser assíncronicas, onde a expectativa de resposta não é imediata.

Outro modo de interação, de acordo com esta autora, é através das reações mútuas e das reações reativas. As reações mútuas compreendem que os indivíduos participem dos processos de construção da relação conjuntamente, onde cada um deles se afetam mutuamente. Um exemplo disso é o recurso de comentar no Facebook, onde cria-se uma troca de ideias.

Por outro lado, as reações reativas, são mais estáticas, elas são determinadas por troca de estímulo e resposta, pode-se ter como exemplo aceitar alguém no Facebook, ou compartilhar um link. Este tipo de reação pressupõe uma troca, porém fica a critério do outro participante querer ou não acessar aquele link, por exemplo, não é necessariamente um processo de negociação entre os usuários, é como se fosse um “vetor unidirecional”, onde a interação vai um único caminho.

Tendo em vista o trabalho de Recuero (2009) “ a interação no ciberespaço também pode ser compreendida como uma forma de conectar pares de atores e de demonstrar que tipo de relação esses atores possuem. Ela pode ser diretamente relacionada aos laços sociais” (p.34)

Todas as interações, compreendem que há um reflexo no sistema de comunicação, ao aceitar um novo amigo na rede social, por exemplo, as pessoas se conectam e começam a receber dados e notícias, umas das outras. Propiciando uma relação de interação mais mútua ou reativa, dependendo do tipo de laços sociais presente naqueles pares.

Para essa autora, a relação social pode ser considerada como um conjunto de interações sociais, que independem de seu conteúdo. Não é apenas interações construtivas que resultam em relações sociais, interações conflituosas, também fazem parte dessa relação.

Por fim, as relações sociais, possibilitam a construção dos laços sociais. Os laços sociais podem ter duas formas de constituição. Os laços relacionais, que podem ser considerados como resultante da interação social e da relação social, e os laços associativos, que depende exclusivamente do pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo. (RECUERO, 2009)

A maioria dos laços mediados pelo computador são, de modo geral, os laços associativos, pois eles ocorrem geralmente através da interação social reativa, onde é mais comum uma troca mais estática, não espera que o outro esteja presente no tempo real e interagindo mutuamente. Também, pelo fato de que, muitas vezes, as redes sociais, por exemplo, acabam propiciando mais o compartilhamento de links e opiniões do que uma troca de ideias ou um diálogo entre os usuários.

Também, por meio da internet, as interações sociais ocorrem até certo ponto anônimas, pois o perfil é criado de acordo com os objetivos pretendidos. Com isso, Recuero (2009), traz que as barreiras culturais, sociais, físicas e raciais muitas vezes não são expostas em um primeiro momento, isso traz uma maior liberdade para os internautas envolvidos na relação, que têm a possibilidade de se reconstruírem no ciberespaço. Ou seja, os perfis virtuais, são projetados em torno de um objetivo e, com isso, os atores vão mostrar características desejáveis para atingir aquele objetivo.

A partir disso, a seguir será discutido a construção dos perfis nas redes sociais e objetivos na rede. Porém, primeiramente deve-se compreender a importância do Facebook e sua história, que apesar de ser uma rede social muito popular, não é a única e nem a primeira a ter grande popularidade.

2. História do Facebook

O Facebook, atualmente, é a rede social com o maior número de contas ativas. No entanto, ela não é a rede social mais acessada em todos os países do mundo, inclusive sendo bloqueada na China, onde outras plataformas são mais populares.

Na China, existem outras redes sociais que substituem as mais acessadas pelos brasileiros. Como por exemplo, a Sina Weibo, muito similar ao Twitter, que possui mais de 500 milhões de usuários, de acordo com Koetse (2015); outra rede chinesa muito popular é a Renren, que segundo o próprio site, em 2016, possuía cerca de 238 milhões de usuários (RENREN, 2016). Apesar dessas redes terem grande popularidade, ainda não conseguiram ser a maior rede mundial, levando em consideração o número de acessos e contas ativas.

Nota-se que várias redes sociais fazem parte do nosso cotidiano e muitas delas são muito comentadas e acessadas. No entanto, algumas redes, com o tempo, acabam perdendo a sua popularidade e, aos poucos, são abandonadas pela maioria de seus usuários, que passam a acessar e ser mais ativos em outras redes sociais. Redes como o Windows Live Messenger (MSN), Fotolog e o Orkut, acabaram sendo retiradas do ar, por causa dessa escassez de usuários.

O Orkut, por exemplo, foi uma rede social muito popular, até o ano de 2011. O Orkut possuía uma quantidade expressiva de usuários, sobretudo no Brasil. De acordo com Agrela (2014) no ano de 2010, metade dos usuários do Orkut eram brasileiros. Por esse motivo, é importante fazer uma breve introdução à rede social Orkut, uma vez que é através dela que foi introduzida a expressiva participação da população brasileira em uma rede social.

O site Orkut, foi lançado em janeiro de 2004, pelo seu criador Orkut Büyükkökten, quase simultaneamente ao Facebook, que foi lançado em fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, Chris Hughes, Eduardo Saverin e Dustin Moskovitz.

Inicialmente, o site Orkut, era um projeto experimental que tinha como objetivo conectar os usuários com seus amigos, além de impulsionar a conhecer novas pessoas. Para acessá-lo era preciso ser convidado por algum membro dessa comunidade virtual. Em 2006, foi abolido o convite e o acesso foi liberado para

qualquer pessoa que tivesse interesse em participar dessa rede social (ARAUJO, 2014).

O Facebook, um pouco diferente do Orkut, tinha como objetivo inicial conectar estudantes universitários. No seu primeiro ano, já havia cerca de um milhão de usuários. No final de 2005, o site podia ser acessado em todo o mundo, não apenas nos Estados Unidos da América, porém ainda visava apenas estudantes universitários. Em 2006, houve uma abertura dessa rede e qualquer pessoa que tivesse interesse poderia criar um perfil. Com isso, a rede logo alcançou o número de doze milhões de usuários. Aos poucos, os serviços oferecidos foram aumentando e abrangendo mais recursos, como por exemplo, a postagem de fotos e vídeos, os botões “curtir” e “compartilhar”, o chat, entre outros, atraindo cada vez mais pessoas a participar da rede. (TERRA, 2014)

No ano de 2011, o Orkut, que até então era a rede social mais acessada no Brasil, começou a perder significativamente seu número de usuários. Nesse período outras redes sociais começaram a ganhar maior destaque, principalmente o Facebook. Em setembro de 2011, o número de participantes do Facebook, ao redor do mundo, superou as contas ativas do Orkut. Nesse ano, o Facebook apresentou 30,9 milhões de acessos, enquanto o Orkut 29,4 milhões. Essa diferença acabou sendo acentuada com o passar dos anos, até que em julho de 2014 a Google anunciou o fim do site Orkut. No dia 30 de setembro de 2014 todas as atividades do site de relacionamentos Orkut foram encerradas (ARAUJO, 2014).

Apesar do Orkut ter tido um tempo breve online, ele foi muito importante, pois, segundo Agrela (2017), para muitos brasileiros, o Orkut serviu como a porta de entrada da internet. E não só pela possibilidade de acesso à internet, mas também a rede possuía vários recursos como a possibilidade de encontrar amigos; mandar “scraps” (mensagens), para as pessoas adicionadas na sua rede; debater sobre determinado tema nas comunidades, etc.

Nessa mesma linha de pensamento Fortim (2007) defende que um dos principais atrativos do Orkut era a possibilidade de reencontrar as pessoas que fizeram parte do passado, como amigos e colegas da infância e adolescência. Sendo assim, possível integrar as memórias do passado, na vida adulta.

Esses aspectos fizeram com que o Orkut se tornasse popular e ganhasse destaque na internet. No entanto, ao longo do tempo, outras redes começaram a usar dos mesmos recursos do Orkut e trazer novas ferramentas, isso fez com que as pessoas deixassem de acessar o Orkut e começassem a ter mais participação em outras redes, principalmente no Facebook.

No Brasil, o Facebook surgiu como uma nova rede social e, em outros países, o Orkut já havia perdido sua popularidade. Isso impulsionou para que os usuários migrassem para essa nova rede, que estava começando a ter destaque mundial e possuía novas ferramentas que propiciavam a interação na rede.

Com essa migração e visibilidade o Facebook conseguiu se destacar como a maior rede social. Sendo que no segundo trimestre de 2016, ele possuía mais de 1,7 bilhão de usuários, de acordo com uma matéria publicada pelo site Estadão. Destes 1,49 bilhão de internautas acessam a rede pelo menos uma vez por semana e 1,113 bilhão, cerca de 66%, de usuários acessam o site diariamente (SAWADA, 2016)

Outro dado publicado pelo próprio site Facebook, em março de 2015, aponta que, no Brasil, há por dia 62 milhões de acessos ao site e, por mês, esse número chega em 92 milhões, esse número mensal corresponde a 45% da população brasileira (FACEBOOK, 2015).

Para ter acesso ao Facebook é necessário criar um perfil. De praxe, o perfil apresenta o nome e uma foto pessoal do usuário, não obrigatória, e uma série de informações, de preenchimento opcional, como por exemplo: data de nascimento, e-mail, cidade, estado civil, idiomas, instituição acadêmica, ideologia política, crença religiosa, entre outras. Através desse perfil, os usuários começam a identificar características que querem que os outros internautas reconheçam, com isso construindo sua identidade virtual.

3. Perfil Virtual

3.1 Formação da identidade

No espaço “ Escreva alguns detalhes sobre você”, presente no Facebook, essa pergunta ao ser respondida, vai para o perfil do usuário, junto do perfil dele e será vista por outras pessoas que acessarem aquele perfil na rede. De acordo com Amante *et al* (2014), além dos usuários escreverem sobre si, nesse campo, muitos registram suas citações preferidas, manifestam seus gostos pessoais, assim como preferências relativas a livros, músicas, filmes, programas de TV.

No entanto, a composição do perfil não é estática. O usuário pode escrever sobre si e, posteriormente, modificar ou deletar o que foi escrito, o mesmo ocorre com as fotos e os vídeos postados. Assim como, as pistas que ele deixa sobre seus gostos pessoais podem ser alterados, uma página de um artista, por exemplo, pode ser “curtida” e depois “descurtida”. Isso altera ao longo do tempo a imagem que os outros internautas terão sobre aquela pessoa e isso remete a uma preocupação da imagem que o indivíduo quer mostrar em seu perfil.

Isso traz um questionamento sobre o que o usuário é e como ele se apresenta diante dos outros. Podemos considerar que existe um processo de construção do perfil em que cada usuário vai apresentar-se, de uma maneira, na rede virtual, baseando em alguns aspectos, que podem condizer com a sua vida offline ou não. Com base nisso, surgem algumas questões: como os usuários das redes sociais formam a sua identidade virtual? Em quais aspectos eles se baseiam para criar o seu perfil online? Essas e muitas outras perguntas vêm sendo alvo de diversas pesquisas atualmente.

Os pesquisadores Matuck e Meucci (2005) defendem que a identidade seja definida como um conceito, que traz tanto os aspectos da imagem que o indivíduo tem de si, quanto a que os outros fazem dele. Nesse processo, o outro e o próprio sujeito reconhecem as suas singularidades, características físicas, intelectuais, grupais, comunitárias e emocionais. “Nessa perspectiva, pode-se definir identidade como um processo de apresentação e atribuição de qualidades a um sujeito, segundo sua cultura, atitudes, aparência e também com base na expressão de seus valores.” (p.159)

Similar a esses pontos vista desses autores, Amante *et al* (2014) apontam que

“A formação de identidade recebe a influência de fatores intrapessoais- capacidades inatas do indivíduo e características adquiridas da personalidade, de fatores interpessoais- identificação com outros- e de fatores culturais- valores associados a que o sujeito é exposto quer globalmente quer na comunidade em que estão inseridos.” (p.27).

Os autores partem do pressuposto que para formar a sua própria identidade é necessário, que haja uma identificação com os outros e, posteriormente, uma diferenciação. Segundo Ferreira (2014) ao construir uma identidade na rede social, estamos intrinsicamente ligados com os outros usuários, pois de certa forma dependemos da aceitação deles sobre a imagem produzida. São os outros usuários que contribuem para a permanência e consistência da identidade produzida na rede.

Outro ponto importante para a formação da identidade é explorado no trabalho de Dualibe, Sousa e Araújo (2010), que traz a ideia de que para compreender o processo de identidade, deve-se levar em consideração, elementos sociais, culturais e o momento histórico no qual o indivíduo está inserido. Todos esses aspectos são importantes para entender em quais elementos são pautados a construção da identidade.

Com base nisso, deve-se compreender a época em que o indivíduo está inserido. Nota-se que antes da modernidade o processo de identidade das pessoas era pautado nos aspectos da vida cotidiana, como família, religião, etc. No entanto, hoje em dia, o homem está se distanciando cada vez mais dessas bases que, a princípio, eram fundamentais para a construção de sua identidade. (MAGALHÃES e PAIVA,2009; DUALIBE, SOUSA e ARAÚJO,2010; NÓBREGA,2010; HALL S.,2015).

A pós-modernidade, com a inserção da cultura de massa, além do fácil acesso as informações que são globalizadas, o processo indentitário sofreu algumas alterações decorrentes dessa cultura. De acordo com Nóbrega (2010) nesse contexto “A identidade deixa de ser algo dado com o nascimento e passa a ser conceituada como algo em constante construção e transformação. Ela não se trata mais de uma coisa imposta, mas do produto de escolhas.” (p.96).

Em relação as diferenças identitárias, no tempo histórico, Hall S. (2015) traz três concepções diferentes de identidade. Sendo: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo tem como base a ideia de um indivíduo, cuja sua identidade consistia num núcleo interior, que era iniciada quando a pessoa nascia e continuava estática, conforme ela se desenvolvia. A sua essência permanecia a mesma ao longo da vida. Enquanto isso, a concepção do sujeito sociológico já traz a ideia de que a identidade é formada a partir da interação do sujeito com o seu meio social. Ela não é uma unidade unificada e estável, mas sim composta por várias identidades fragmentadas. Por fim, o sujeito pós-moderno, que não é dotado de uma identidade fixa, mas como tendo várias identidades, que, até mesmo, podem ser contraditórias. (HALL S., 2015)

Apesar de muito semelhante, a construção da identidade offline, a identidade online tem suas particularidades, uma vez que na internet, o sujeito tem várias possibilidades de se apresentar, de acordo com Recuero (2009) as interações começam a certa medida anônimas e algumas barreiras físicas, raciais e culturais podem não ser expostas em um primeiro momento, dando mais possibilidades para o internauta de construção de sua identidade.

3.2 Construção do Perfil Online

O espaço virtual, comumente chamado de Ciberespaço, possibilitou que as pessoas se relacionassem cada vez mais com outras, aumentando a aproximação e contato social com diversos grupos de pessoas.

De acordo com Ferreira (2014) pode-se distinguir redes sociais de comunidades virtuais. As redes sociais digitais têm como foco o indivíduo e suas relações pessoais, enquanto as comunidades virtuais surgem a partir de um interesse comum em algum tema específico. Por fim, as redes sociais acabam afetando diretamente a forma como as pessoas interagem e comunicam, influenciando assim a formação e a apresentação da identidade perante os outros. (FERREIRA, 2014)

Primeiramente, deve-se ter em mente que ao construir um perfil na rede social, não é apenas pelo auto relato que a identidade do usuário é revelada, existem outros fatores que são fundamentais para a construção do perfil na rede. Nessa perspectiva os usuários de uma rede social não são apenas identificados por suas descrições pessoais, mas também por suas comunidades, redes de amigos e atividades que desenvolve online (FERREIRA, 2014; GOSLING *et al*, 2011; LIZ, SANTOS e JOHN, 2012; MATUCK e MEUCCI, 2005).

Nesse sentido, a pesquisa de Gosling *et al* (2011) se propôs a investigar como uma terceira pessoa percebia traços de personalidade em perfis do Facebook. O trabalho mostrou que apesar de vários fatores serem utilizados para ter uma ideia dos traços de personalidade do sujeito, como fotos, número de amigos, entre outros. Sendo que, muitas vezes, alguns desses indicativos são negligenciados por outros usuários, quando vistos em contextos diferentes.

Isso mostra que alguns pontos são priorizados, enquanto outros pontos são pouco considerados e valorizados pelos outros usuários. Quando um perfil é construído, o sujeito busca mostrar uma certa imagem de si. Nessa perspectiva Moreira e Rodrigues (2010), trazem a ideia de que o usuário escolhe a que grupos pertencer tendo em vista um interesse pessoal e essa escolha constrói uma imagem, que vai ser transmitida para outros internautas.

No entanto, deve-se levar em consideração que não é somente o indivíduo que faz o seu perfil na rede social, há fatores limitantes dos softwares que restringem a expressão do indivíduo. Dentro dessa visão Matuck e Meucci (2005) mostram que a identidade dentro de uma rede social é construída por dois pontos fundamentais: a autodefinição e a alo-definição. Sendo a autodefinição o processo pelo qual o sujeito se define, seja por imagens, fotos, narrativas, etc. A alo-definição é vista como as definições que os outros usuários fazem do indivíduo, assim como os meios que restringem a livre definição do sujeito, por exemplo os softwares.

Em uma perspectiva semelhante, no estudo de Liz, Santos e John (2012) aponta-se que “Pela falta de contato “face-a-face”, as pessoas dentro do ciberespaço são percebidas pelo conteúdo que produzem, ou seja, suas fotos, opiniões, preferências musicais, até o tipo de letra e cor utilizadas num fundo de papel de parede” (p.6). Ou seja, os internautas, se baseiam em uma série de conteúdos expostos naquele perfil para conhecer um pouco da personalidade daquele outro usuário. Por esse motivo, muitas vezes, o perfil é considerado “em construção”, pois a percepção do outro é importante para a escolha dos conteúdos que serão expostos.

Além dos conteúdos expostos, deve-se levar em conta a finalidade que o indivíduo tem dentro daquela rede. Isso influencia diretamente a forma como ele se apresenta, o que ele coloca na rede e o que ele objetiva alcançar.

Junco (2013) pesquisou sobre os hábitos de estudantes universitários no Facebook, o estudo aponta que as finalidades do uso do Facebook nesse grupo são aprendizagem, compromisso estudantil, participação política, construção e manutenção de relacionamentos. Já no estudo de Hollenbaugh e Ferris (2014) as finalidades apontadas foram manutenção de relacionamentos, passa tempo, entretenimento, desenvolvimento de novas relações (comunidade virtual), entre outras. Ou seja, a finalidade de uso, depende de pessoa para pessoa. Cada grupo pode almejar um objetivo diferente. No entanto, o Facebook pode ser usado para mais de uma finalidade, como por exemplo, manter relacionamentos, passar o tempo e aprendizagem.

Por fim, Hollenbaug e Ferris (2014) apontam algumas ligações entre a motivação do uso e alguns comportamentos, como por exemplo as pessoas que usam a rede para entretenimento tendem a colocar mais informações, enquanto aqueles que sentem que podem relatar o seu “verdadeiro self” online estão mais dispostas a usar o Facebook para estabelecer novas relações e administrar relações amorosas. Nota-se que as atividades exercidas no Facebook, relacionam-se diretamente com o público, ou seja, dependendo do grupo de pessoas e objetivos na rede, o que será colocado ou buscado é diferente.

Rosa e Santos (2014) fazem distinção da motivação de uso das redes sociais. Eles trazem quatro tipos de recursos que são utilizados nos sites de relacionamento, sendo eles:

O primeiro, que denominamos interação mediada, manifesta-se pela exposição de gostos e preferencias culturais em postagens, em autodescrições e em comentários, que são repassados, aprovados ou consentidos por meio dos recursos compartilhar e curtir. O segundo, publicidade pessoal/profissional, dá-se pela divulgação de links, de blogs, de sites e de notícias relacionadas à atividade profissional ou às formas de ser, de se expressar e de se relacionar com os demais. O terceiro, ativismo, caracteriza-se pela difusão de ideais políticos, religiosos, culturais e éticos, além da promoção de debates e de mobilizações sociais pelo site. Finalmente, o quarto tipo de uso social para iniciar ou para manter relacionamentos, para flertar e para buscar parcerias sexuais e românticas. (p.21)

Dependendo do tipo de finalidade visada pelo indivíduo a sua atuação dentro da rede social muda. Os autores Rosa e Santos (2014) defendem que, por exemplo, os ativistas querem que suas publicações sejam vistas e comentadas, tanto de forma positiva, como negativa para que suas ideias sejam cada vez mais difundidas. Por outro lado, se houve um número muito grande de rejeição a postagem pode ser retirada ou reanalisada.

Entretanto, deve-se levar em consideração que nem sempre essas finalidades estão definidas, muitas vezes os internautas transitam por esses espaços e definições. Tavares (2010), por exemplo, defende que há dois tipos de personas: a persona-produtor e a persona-leitor. Essas personas não são fixas, ou seja, eles podem alternar entre ser uma persona-leitor e uma persona-produtor, porém ambos são cruciais dentro do ciberespaço. Nesse estudo, a usa o termo persona com uma espécie de máscara irreal utilizada pelos usuários do espaço digital. Ela aponta que ao formar uma identidade para navegar na Internet, os membros têm a possibilidade de serem produtores de conteúdo ou apenas internautas, que não produzem processos interativos. Ou seja, a persona-produtor caracteriza-se por postar uma série de conteúdos, enquanto a persona-leitor é responsável por absorver os conteúdos de seu interesse colocados pela persona-produtor.

Outro ponto é que há vários estudos que tentam compreender os conteúdos postados. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, foram publicados trabalhos que relacionam os cinco grandes tipos de personalidade com as informações postadas nos perfis do Facebook, por serem estudos recentes, alguns deles serão abordados no próximo tópico.

3.3 The Big Five Personality e os perfis Facebook

Diversos estudos internacionais, estão correlacionando o uso do Facebook, a construção do perfil virtual e a manifestação de conteúdos postados, tendo como base o “The Big Five Personality”. O “The Big Five Personality” refere-se a cinco principais tipos de personalidade. Esses tipos são: Extroversão, Amabilidade, Consciência, Estabilidade emocional e Receptividade a novas experiências.

De acordo com Moore e McElroy (2012) Extroversão refere-se aos indivíduos que são sociáveis, alegres, otimistas, ativos e comunicativos, os internautas que possuem maior grau de extroversão é esperado que tenham maior quantidade de interações

sociais e se aproximem dos outros mais facilmente; Amabilidade remete as pessoas que apresentam uma tendência de serem simpáticas, corteses, flexíveis, gentis e confiáveis, as que possuem um alto grau de amabilidade, evitam conflitos e não rejeitam a ofertas de amizades. O tipo Consciência representa uma tendência a ser confiável, responsável, organizado e auto-disciplinado, esses indivíduos têm uma alta motivação intrínseca para melhorar o nível da performance do seu trabalho; Estabilidade emocional refere-se à ampliação de exibição de atribuições negativas distração, tristeza, ansiedade, constrangimento e mostram dificuldade em lidar com estresse; Receptividade a novas experiências representa indivíduos curiosos, com mente aberta, e com disposição de explorar novas ideias, essa abertura reflete na imaginação e na originalidade do sujeito.

Com base no Big Five Personality, Moore e McElroy (2012) se propuseram a examinar como o a personalidade do usuário influencia na forma e na quantidade do uso do Facebook, no modo que são feitos os contatos sociais e no conteúdo que é incluso no perfil. Por fim, foram feitas algumas correlações entre alguns tipos de personalidade e seus usos. Como por exemplo, pessoas que apresentaram a personalidade de amabilidade demonstraram uma maior rejeição dos conteúdos que elas postaram e que, posteriormente, consideraram como inapropriados. As pessoas com esse tipo de personalidade costumam ter uma boa quantidade de postagens sobre si mesmas. Os usuários extrovertidos obtiveram maior número de postagens de informações e fotos, porém o estudo mostrou que eles não costumam passar mais tempo na rede social, contrariando a hipótese inicial que supunha que quanto mais a pessoa era extrovertida mais tempo passaria no site. Outro ponto é que os usuários com maior consciência fizeram menos postagens em seus murais, sobre eles mesmos e sobre outros, também expressaram menor rejeição sobre conteúdos presente na rede do que as pessoas com menor nível de consciência.

Hollenbaugh e Ferris (2014) fizeram um estudo similar com o de Moore e McElroy (2012), no entanto os autores tinham como objetivo determinar o que levava as pessoas a revelarem informação sobre elas próprias no Facebook, relacionando os cinco tipos de personalidade propostos no “The Big Five Personality”. No estudo os autores apontaram que os indivíduos mais extrovertidos, que usam o Facebook para desenvolver uma rede social online, relatam mais informações íntimas e pessoais do que as outras pessoas. Outro ponto é que os usuários com maior receptividade a

novas experiência, com a finalidade de manter seus relacionamentos já existentes, estão mais dispostos a postar uma maior variedade de conteúdos e tópicos do que outros tipos de internautas.

Gosling et al (2011) dividiram seu estudo em duas partes, sendo a primeira com o objetivo de correlacionar os tipos de personalidade com o autorrelato presente no perfil do usuário; a segunda consistia em pedir para que uma terceira pessoa tentasse perceber os traços de personalidade da pessoa presente naquele perfil. As correlações encontradas na primeira parte do estudo, apontaram que os extrovertidos foram relacionados com um significativo número de autorrelatos, que estão especialmente ligados com a manutenção da presença e tendências sociais dos usuários, que remetem ao seu número de amigos e comentários em postagens e perfil. Os amáveis obtiveram um maior número de visualizações de seus perfis do Facebook, tanto deles como dos outros internautas. Por outro lado, pessoas consideradas com receptividade a novas experiências são ligadas à maior número de postagens e modificações de fotos. Enquanto, os usuários com menor grau de consciência passam maior tempo vendo perfis no Facebook, elas tendem a procrastinar mais. Porém, nenhum comportamento foi ligado com a tipo de personalidade de estabilidade emocional.

A segunda parte desse estudo apontou que extrovertidos foram relatados por terceiros, por conta da observação de informações associadas com a manutenção social e com as conexões que esses indivíduos tinham com outros usuários. No entanto, com tipos consciente e amável, as pessoas não conseguiram fazer uma correlação clara, entre as informações presentes no perfil com esses tipos de personalidade. Com isso, o estudo conclui que as pessoas que não estão familiarizadas com o proprietário do perfil, utilizam uma série de informações presentes naquele perfil para ter pistas da personalidade daquela outra pessoa, no entanto elas também ignoram alguns aspectos cruciais que trazem pistas, como por exemplo a quantidade de postagens que o usuário faz, que é um indicador da personalidade amável.

Por fim, nota-se que há uma ligação da personalidade do sujeito com o modo que ele se apresenta no seu perfil do Facebook. Várias informações dão pistas de como aquele usuário é na sua vida off-line, no entanto alguns dados são negligenciados por

outros internautas, tendo uma percepção parcial do indivíduo que está por trás do perfil online.

Outro ponto que deve ser discutido é que nem todos os perfis são representações reais do indivíduo. As correlações entre os tipos de personalidade e a atuação no Facebook, podem servir como base para conhecer aquele indivíduo que está por trás do perfil. No entanto, nem todos os perfis são representações reais de seus atores.

3.4 Autenticidade do perfil

Um dos pontos muito discutidos quando se pensa em perfil online é a autenticidade das informações expostas. De acordo Polianov (2015), por vezes, os perfis trazem aspectos verdadeiros de sua personalidade; outras vezes são criados os chamados perfis “fakes”, que não tem nenhuma representação real delas.

De acordo com a autora 85% dos entrevistados acreditam que seu perfil no Facebook é uma “representação verdadeira” delas; 15% responderam que não se sentem representados, destacando a complexidade do ser humano, como algo que não pode ser apreensível em um perfil de um site de rede social; e, dentro desses 15% alguns internautas não se sentem representados pelo seu perfil na rede social. Com isso, a autora levanta três tipos de perfis sociais: os perfis autênticos, em que os usuários se veem representados; os perfis “personagens”, que remetem ao sujeito, porém pouco representado; há vários outros aspectos deles que não conseguem ser mostrados apenas em um perfil, eles trazem como aspecto a subjetividade que não é apreensível virtualmente em um perfil; e os perfis “fakes”, nos quais não tem nada do indivíduo, todas as informações contidas no perfil são inventadas, elas não remetem em nenhum aspecto o seu criador.

O estudo de Bizzotto e Fortim (2011) traz três tipos de perfis fakes, sendo o primeiro caracterizado pela imagem idealizada de si mesmo, que podem apresentar os aspectos da persona do sujeito; o segundo tipo, está ligado a sombra pessoal, ou seja, o usuário manifesta aspectos que não são aceitáveis, como seus desejos inconscientes e conscientes. Por fim, o último representa personagens de ficção e celebridades, onde o internauta assume um ideal de ego, cujo ele nunca vai alcançar.

Através desse estudo, pode se levar como hipótese, que mesmo que o perfil seja considerado como verdadeiro, ele pode trazer aspectos idealizados da persona, não

necessariamente correspondente com a vida offline do sujeito. Assim como o que Polianov (2015) chamou de perfil “personagem”, equivale ao primeiro e segundo perfil fake descrito por Bizzotto e Fortim (2011).

Outro estudo que busca a veracidade das informações fornecidas nas redes sociais foi realizado por Back *et al* (2010) em que o objetivo de pesquisa foi investigar se os usuários refletiam uma imagem idealizadas de si mesmos ou seu perfil estava relacionado com a sua verdadeira personalidade. Por fim, concluiu-se que as pessoas acabam projetando a sua própria personalidade e que as informações pessoais, pensamentos, fotos, etc ajudam nessa projeção real. Outro ponto é que as informações postadas trazem uma reputação e os amigos comprovam a confiabilidade e dão feedback no outro perfil, isso torna muito mais complicado criar um perfil que não seja condizente com a realidade.

Por fim, deve se levar em conta que as pessoas adicionadas na sua rede, também são responsáveis para confirmar a autenticidade, uma vez que não se tem ligação com a vida offline do sujeito, este fica mais solto para se representar da maneira que quiser. Segundo Bizzotto e Fortim (2011)

Na web por sua vez o internauta pode escolher por completo como os outros o verão ao fazer a seleção dos componentes de seu perfil online, sendo que o território a partir do qual fala é a ampla web, caso este não o identifique em eu perfil. (p.3)

Lembrando que nas redes sociais os internautas podem escolher quem eles vão adicionar na sua rede, assim como as pessoas que poderão ver os conteúdos que compartilham. Sendo assim, os usuários são os maiores responsáveis por sua privacidade na rede.

3.5 Privacidade do perfil

A missão do Facebook, segundo o próprio site, é “dar às pessoas o poder de compartilhar informações e fazer o mundo um lugar mais aberto e conectado”. (FACEBOOK *b*, 2004). No entanto, o poder do compartilhamento de informações torna as pessoas mais suscetíveis a perder o alcance de suas publicações.

Segundo o trabalho de Terto, Alves, Rocha e Prates (2012), até o de 2012, o Facebook, dispunha de 50 configurações de privacidade, para seus usuários personalizar o acesso as suas informações, com mais de 170 opções. No entanto,

estudos vários estudos trazem a questão da exposição de informações como uma forma de dificuldade na comunicabilidade e usabilidade nos recursos de privacidade do Facebook (BERGAMANN E SILVEIRA, 2012; JÚNIOR, XAVIER E PRATES, 2013; RODRIGUES *et al*, 2012; TERTO, ALVES, ROCHA e PRATES, 2012). Esses estudos apontam que nem todos os usuários sabem exatamente como essas ferramentas funcionam e, com isso, sugere uma certa dificuldade na sua utilização.

Terto, Alves, Rocha e Prates (2012), afirmam que todos os dias, a cada minuto, em média de 300 milhões de fotos são curtidas ou comentadas pelos usuários. Essas atividades, geram muitas atualizações no site e, por vezes, pode fugir do controle do usuário que postou aquela foto.

Os recursos oferecidos pelo Facebook, permitem que se tenha mais sigilo nas suas publicações. Porém, ainda há algumas falhas nesses serviços, que aos poucos vão sendo aperfeiçoados. Por exemplo, uma foto pode ser compartilhada apenas com amigos, no entanto algum usuário na categoria “amigo” pode compartilhar essa foto, e os amigos do amigo podem ter acesso aquela foto, que, inicialmente, seria para um número mais restrito de pessoas. Outro ponto é que um amigo pode marcar outro amigo, mesmo que este não esteja na rede de quem postou, isso faz com que aquele outro tenha acesso a foto. Sendo assim, o internauta que compartilhou a foto, facilmente perde a ideia do alcance das pessoas que tem acesso aquele conteúdo. (BERGAMANN e SILVEIRA, 2012). Se o usuário não tiver conhecimento dos recursos possíveis essas situações são acabam sendo comuns no dia a dia. Atualmente, por exemplo, já existe o recurso de aceitar ou não a marcação, ou seja, há uma configuração em que é possível habitar para que só apareça a marcação, depois da aceitação do administrador da foto e dos que foram marcados.

Outro ponto, é que é muito comum os internautas não saberem exatamente as informações do seu perfil que estão abertas ao público. Também, de acordo com Bergamann e Silveira (2012) “A maioria das pessoas confia nas redes sociais a ponto de expor em seus perfis informações pessoais e privadas, como data de nascimento, endereço, telefone e fotos.” (p.110).

No estudo de Bergamann e Silveira (2012) foi pesquisado sobre aspectos relacionados a privacidade na rede social. Este trabalho contou com uma amostra de

255 voluntários, que indicaram alguns hábitos na rede. Os resultados trouxeram vários dados interessantes, que serão discutidos ao longo deste tópico.

Nesse estudo, os autores apontaram que 93% dos usuários usam seus nomes completos, enquanto 6% utilizam somente o primeiro nome ou apelido e, somente 2% da amostra usam nomes falsos ou caracteres especiais em seu perfil.

Outro ponto é que a maioria dos participantes declararam que adicionavam apenas amigos e familiares, também uma grande porcentagem disse que aceitava convites de amizade de pessoas da escola/ faculdade/ trabalho e conhecidas, apenas 5% relatou que adicionava qualquer pessoa.

Isso demonstra que a maioria das pessoas na rede social, optam por colocar seus nomes verdadeiros e adicionar pessoas do seu círculo social fora das redes virtuais.

O estudo de Bergamann e Silveira (2012) também, demonstra que a maior parte das pessoas se preocupam com todo o conteúdo digital que divulga, 67% da amostra; 21 % às vezes se importam com algum tipo de material e apenas 5 % postam qualquer coisa sem pensar sobre o assunto. Quando perguntado para os voluntários se eles já haviam sofrido algum problema de privacidade nas redes sociais por causa de informações divulgadas, 85% das respostas foram negativas. No entanto, 53% disse que tinham conhecidos que já sofreram alguns problemas nas redes, destes a maioria foi comentários maldosos de outros usuários.

Por fim, um ponto que deve ser destacado nesta pesquisa é que foi investigado sobre as informações que as pessoas acreditam que aparecem de modo público no perfil delas. As respostas mais comuns foram lista de amigos, informações de contato e status de relacionamento. No entanto, cerca de 28% da amostra disseram que nenhuma informação estava visível para quem não era adicionado em sua rede.

Dessas pessoas que acreditavam que nenhuma informação estava em modo públicos, os pesquisadores tentaram achar o perfil do Facebook desses usuários para analisar se de fato não tinha nenhuma informação disponível. Dos perfis que Bergmann e Silveira (2012) encontraram, foi constatado que todos eles “tinham pelo menos uma informação aberta ao público, como dados de contato e relacionamento, local de trabalho e fotografias em álbuns e publicações no mural.” (p.114). Isso demonstra que o que os internautas pesam das configurações de privacidade, muitas

vezes são diferentes do que são de fato, muitas informações e conteúdos que eles pensam que estão protegidos, na verdade estão abertos a todos os usuários daquela rede social, causando uma exposição muitas vezes indesejada.

4. Persona e Sombra

4.1 Conceito de Persona e Sombra

Assim que nascemos a personalidade é uma unidade indiferenciada. Na medida em que crescemos, essa totalidade vai sendo separada e diferenciada em várias partes. Nesse processo, surge a consciência do ego, com isso uma parte da totalidade de si mesmo será encaminhada para o inconsciente. (STEIN, 2006)

O ego, tem uma fundamental importância quando se fala de consciência. Ele pode ser considerado como um ponto focal, onde os aspectos da consciência são refletidos. Ou seja, o ego é o responsável por “apresentar” nossos conteúdos conscientes. De acordo com Stein (2006) “O termo ego refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação.” (p.23)

Durante esse processo, duas estruturas são diferenciadas: a sombra e a persona. Enquanto a persona faz parte da consciência, a sombra permanece inconsciente. Tudo que a persona e o ego rejeitam- traços de caráter, emoções, etc- acabam constituindo a sombra.

Na Psicologia Analítica, o termo a persona, tem um significado muito similar ao termo original, é uma espécie de máscara usada pelo indivíduo publicamente, que possui qualidades socialmente esperadas.

Para Jung (2012) a persona “no fundo não tem nada de real; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que ‘alguém parece ser’: nome, título, ocupação, isto ou aquilo.” (p.151). Esses dados que remetem ao compromisso social da pessoa, de certa forma, são reais, no entanto eles são apenas uma pequena parcela da individualidade da pessoa.

Existem duas fontes de construção da persona, a primeira está ligada com as escolhas do sujeito, ou seja, seus objetivos e aspirações; a segunda está relacionada com o meio social em que ele vive, como as expectativas e demandas da sociedade (STEIN, 2006). Nesse ponto de vista Jung (2012) defende que essa “máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva.” (p.46/47)

De acordo com Roth (2011) a persona é um conjunto de qualidades desejadas e exigidas na socialização que são expostas para outras pessoas, ou seja, essas qualidades podem ser dirigidas para a área privada ou profissional do indivíduo. Segundo este autor, esses atributos esperados são geralmente conscientes, embora a identificação com essas expectativas, que são de origem coletiva, muitas vezes ocorra no campo do inconsciente, também. Isso faz com que se tenha uma dificuldade de discriminar quais dessas qualidades assumidas são de fato do sujeito, ou seja, que fazem parte de sua personalidade e quais foram adquiridas através da adaptação do meio.

Normalmente, a persona se manifesta através de traços agradáveis de caráter positivo. Porém, dependendo do contexto em que a pessoa está inserida, a persona pode atribuir características vistas como negativas em outros contextos. De acordo com Roth (2011) não é imprescindível que no contexto social o sujeito apresente apenas qualidades vistas como positivas, o indivíduo também pode mostrar suas qualidades negativas, de cunho pessoal. Outro ponto é que a persona, pode ser desenvolvida de modo contrário a expectativa social, sendo entendida como uma expressão de protesto e revolta frente as pressões de adaptação ao meio.

A sombra pode ser vista como uma oposição da persona, ou seja, a sombra é formada por um aglomerado de qualidades que não foram bem aceitas pelo ego. Segundo Stein (2016) tudo o que a consciência do ego aceita e se identifica acaba se tornando parte de si mesma e da persona, enquanto tudo o que é rejeitado, acaba se constituindo como sombra. No entanto, deve-se ressaltar que esse processo de repressão das qualidades que a persona não quer preservar e nem conservar, não é apenas ligado com as características individuais do sujeito, mas também essa rejeição deve ser ligada à coletividade (ROTH, 2011).

Nessa perspectiva McGuigan (2009) traz que existência da sombra coletiva, que é definida através dos grupos que vivemos e nos identificamos. Esses grupos podem ser a família, o trabalho, a religião, todos esses conjuntos trazem uma série de valores, comportamento e atitudes específicas que são aceitáveis ou não naquele meio. O que não é valorizado é visto como pertencente a outros grupos.

Com isso, Jung (1994) traz que a sombra é um problema de ordem moral, uma vez que desafia a personalidade da individualidade do sujeito como um todo. É na sombra

que se revela tudo aquilo que foi negligenciado pela persona. Assim como a persona, a sombra faz parte da totalidade da psique. Sendo assim, a sombra e a persona podem ser vistas como estruturas complementares uma da outra.

Quando se entra em contato com a sombra, se entra em contato com aspectos da sua personalidade. A sombra, ao contrário da persona, é primitiva e não foi desenvolvida suficientemente. No entanto, de acordo com McGuigan (2009) a sombra tem uma autonomia de pensamentos, ideias, imagens, julgamento de valor, assim como a nossa personalidade consciente, por ser inconscientes o ego não pode controlá-la.

Com relação ao desenvolvimento da sombra na psique Zweig e Abrams (1991) dizem que

A sombra pessoal desenvolve-se naturalmente em todas as crianças. À medida que nos identificamos com as características ideais de personalidade (tais como polidez e generosidade) que são encorajadas pelo nosso meio ambiente (...). Ao mesmo tempo, vamos enterrando na sombra aquelas qualidades que não são adequadas à nossa autoimagem, como a rudeza e o egoísmo. O ego e a sombra, portanto, desenvolvem-se aos pares, criando-se mutuamente a partir da mesma experiência de vida. (p.15/16)

Apesar da sombra ser constituída por aspectos e qualidades que foram negligenciados pelo ego, ela não pode ser considerada nem boa e nem ruim. Segundo Zweig e Abrams (1991) “A sombra pessoal contém, portanto, todos os tipos de potencialidades não-desenvolvidas e não-expressas.” (p.17). Ou seja, ela não é formada apenas por aspectos desagradáveis ou ruins, mas também por qualidades consideradas positivas que não foram desenvolvidas.

Nessa mesma linha McGuigan (2009) defende que grande parte da nossa sombra pode ser considerada como ouro, uma vez que ela guarda vários aspectos ricos que não foram desenvolvidos ou expressos do nosso potencial. Nessa repressão de aspectos da nossa personalidade, nos perdemos contato com diversos potenciais criativos e traços positivos da nossa personalidade, apenas por não terem sido reconhecidos ao longo da vida.

Há algumas maneiras possíveis de entrar em contato com a Sombra. Uma delas é através da projeção Sombra em outra pessoa. Para ocorrer essa projeção é

necessário que o outro tenha um “gancho”, ou seja, algum aspecto que remeta a sombra do sujeito. De acordo com Von Franz (2008)

Particularmente quando estamos em contato com pessoas do mesmo sexo é que tropeçamos tanto na nossa sombra quanto na delas. Apesar de percebermos a sombra da pessoa do sexo oposto, ela nos incomoda menos e a desculpamos mais facilmente. (p.224)

A projeção é considerada como uma forma do indivíduo ver seus aspectos inconscientes em outra pessoa, ou seja, ele não reconhece aquele conteúdo sendo dele, mas sim do outro. Nesse sentido Jung (1991) traz que “a projeção é portanto um processo de dissimilação em que é tirado do sujeito um conteúdo subjetivo e incorporado de certa forma ao objeto.” (p.436). Ou seja, o sujeito vê na outra pessoa os aspectos que ela não quer assumir de sua personalidade.

No próximo tópico que será discutido é a ideia de identidade para a psicologia analítica. No capítulo 3, já foi dada uma breve definição da construção de identidade, porém agora a identidade será vista em termos pertencentes a Psicologia Analítica.

4.2 Identidade para Psicologia Analítica

De acordo com a autora Muszkat (1980) a identidade deve ser considerada como um terceiro elemento que engloba dois níveis diferentes de identidade, partindo do pressuposto de que se houver uma cisão entre esses dois níveis há um distúrbio do nível da identidade. Os níveis descritos pela autora são:

1. Ao nível do ego, que se configura através das relações interpessoais e que se distinguem pelo seu caráter individual;
2. Ao nível do Self, cujo caráter é universal. Esse garante a própria existência e o constante desenvolvimento do nível 1. (p.37)

Esse primeiro nível descrito pela autora, corresponde ao que ela chama de identidade convencional, que é quando a pergunta “quem sou eu”. Porém, ao ser respondida essa questão, não há um sentimento de discriminação objetiva e relativa. É como se o Ego estivesse em um estado de alienação diante da totalidade psíquica.

Para ter essa sensação de discriminação, Maszkat (1980) defende que é necessário que haja a “identidade existencial”, em que ocorre o reencontro do Ego com o Self (totalidade psíquica), esse nível de identidade depende de um processo contínuo de

integração de aspectos temporais, espaciais, sociais e simbólicos, entre o Ego e o Arquétipo Central.

O Ego precisa se diferenciar do outro, do tempo e do espaço, ao mesmo tempo que tem a necessidade de ser uma unidade integrada, onde possui relação com as pessoas, coisas que rodeiam e consigo mesmo.

Com base nessa ideia, a autora, chama a identidade como um “Complexo Funcional”:

(...) através da “experienciação” e transformação do mundo e das próprias necessidades, possa promover a integração e discriminação de si-próprio. “Complexo funcional” por se tratar de um agrupamento de conteúdos psíquicos, conscientes e inconscientes, carregados de afetividade que exercem a função de se configurar e se modificar através do próprio exercício. (MASZKAT, 1980; p.11)

Nesse sentido, toda a totalidade psíquica (Self) participa do processo de formação de identidade, não apenas o Ego.

Ao criar um perfil online no Facebook, há uma colaboração na formação da identidade. No contexto virtual, ao construir um perfil, o indivíduo precisa projetar uma imagem para os outros usuários, colaborando com a diferenciação Ego do sujeito. Ao projetar essa imagem o usuário escolhe o que mostrar para os outros usuários, construindo uma máscara. A seguir, será feita uma breve revisão das personas no Facebook.

4.3 Personas no Facebook

Autores como Ferreira (2014), Polianov (2015) e Vaz (2011) defendem que os sujeitos criam uma máscara na rede virtual. Sendo que essa máscara mostra alguns aspectos da personalidade do indivíduo, que são selecionados para causar uma certa impressão a outras pessoas da rede, podendo ser reelaborados constantemente, de acordo com a necessidade. A ideia de máscara está intimamente ligada com a de Persona, que remete originalmente a máscara usada por atores, afim de compor um determinado personagem numa peça (HALL C., 2005; POLIANOV, 2015 e TAVARES,2010)

A ideia de máscara é aprofundada por Vaz (2011) não apenas como uma escolha de certos aspectos da personalidade, mas também como uma correspondência do que a sociedade espera do sujeito em certas situações sociais. O autor elabora essa ideia, justificando que ao buscar essa expectativa social, o indivíduo acaba reprimindo

conteúdos indesejados da sua personalidade e, com isso, constrói uma máscara como um instrumento de adaptação social. Esse processo se expande, da mesma forma, para o ciberespaço e na construção do perfil nas redes sociais.

Uma vez que o usuário percebe a possibilidade e a facilidade de modelar sua forma de manifestar-se perante o outro, poderá começar uma nova construção da sua identidade a partir de sua motivação para aquele com quem esteja se comunicando no momento. A identidade virtual se inicia na relação virtual, mas será baseada em conteúdos da personalidade da pessoa que pode ou não condizer com sua identidade real, pois, a princípio, esse usuário tem a intenção de marcar o seu lugar naquele encontro com o outro (VAZ, 2011, p.11/12).

Segundo o próprio autor, o usuário poderá utilizar ou não a projeção de sua Persona. Nesse sentido, Vaz (2011) defende que o sujeito poderá ou não utilizar a sua persona offline em seu perfil na rede social.

Para Jung (1991) “A projeção é portanto um processo de dissimilação em que é tirado do sujeito um conteúdo subjetivo e incorporado de certa forma ao objeto.” (p.436). Pensando nesse processo de projeção descrito, pode acontecer de a pessoa separar algum aspecto de sua personalidade, como se não fosse dela e colocado de certa forma em um objeto. Nesse sentido, pode acontecer a projeção da Sombra, ou seja, quando um conteúdo presente na sombra da pessoa é visto como se fosse de outro sujeito.

5. MÉTODO

5.1 Características do estudo

O estudo se baseou em uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo.

O resultado da pesquisa foi analisado à luz da Psicologia Analítica, focando na construção da persona e sombra no contexto virtual.

5.2 Local do estudo

A realização da pesquisa, consistiu na aplicação de um questionário online e uma entrevista presencial. A entrevista ocorreu em horário e local previamente combinado entre o pesquisador e os colaboradores.

5.3 Instrumentos de Pesquisa

Foi aplicado um questionário inicial online (APÊNDICE A) para a seleção dos participantes da coleta conforme os critérios de seleção de participantes.

Após a seleção dos sujeitos, a pesquisadora fez uma entrevista semi-dirigida (APÊNDICE B), onde foi investigado como o sujeito constrói o seu perfil na rede social; focando em *a*. Compreender qual imagem que o sujeito quer mostrar no seu perfil, procurando entender quais conteúdos escolhem para postar e se os modifica posteriormente; *b*. Compreender como os jovens fazem relação entre os perfis virtuais e a vivência off-line.

A finalidade da pesquisa semi-dirigida foi para que o sujeito falasse livremente a respeito do tema, ou seja, só foram feitas algumas perguntas do roteiro caso o participante não as tenha abordado espontaneamente.

5.4 Procedimento da pesquisa

a. Critério de inclusão de participantes

Os participantes foram voluntários, que se enquadraram no perfil pré-definido da pesquisa e que se disponibilizaram a realizar a entrevista. A seleção foi feita através do método bola de neve, ou seja, através de indicação de pessoas para a realização da pesquisa.

O primeiro participante foi escolhido, após ser indicado por um estudante de psicologia, do quinto ano, da PUC-SP. Após a indicação, o sujeito foi contatado e antes da entrevista foi enviado o questionário, para conhecer um pouco sobre seus

costumes na rede social Facebook e, com isso, fazer a seleção de acordo com o perfil da pesquisa.

O público alvo da pesquisa foram quatro jovens, entre 18 a 25 anos, usuários do site de relacionamento Facebook, que acessavam essa rede pelo menos 5 vezes por semana; costumavam postar itens pelo menos 1 vez por semana; compartilhar pelo menos 1 vez ao mês; e que se dispuseram a participar da entrevista.

O contato inicial foi feito através de e-mail, onde foi explicado sobre a pesquisa, seu objetivo e enviado o questionário online. Os voluntários, responderam esse breve questionário sobre seu cotidiano no Facebook, que serviu como base para a seleção de participantes. Após a seleção, os voluntários selecionados foram contatados e a entrevista foi agendada em local conveniente para sujeito e pesquisador.

b. Critério de exclusão de participantes

O questionário inicial serviu de base para a seleção de participantes que estavam de acordo com o perfil visado na pesquisa. Um critério de exclusão utilizado foi a frequência de acesso ao site Facebook, pelo menos 5 dias por semana; assim como os que não possuem um perfil muito ativo, referentes às perguntas 2 e 3 do questionário inicial, indicando uma baixa frequência de postagem de compartilhamentos e fotos; menores de 18 anos e maiores de 25 anos.

A frequência de acesso e postagem foram considerados importante, pois se entendeu que as pessoas com perfis ativos apresentavam mais conteúdos relativos à sua identidade, do que as pessoas que não costumavam acessar muito a rede, assim como as que não faziam muitas postagens.

c. Método de seleção de amostra

O agendamento do encontro para a realização da entrevista semi-dirigida foi feito através do telefone e do e-mail de contado que os voluntários deixaram no questionário inicial. O encontro para a coleta de dados foi realizado de acordo com a disponibilidade dos sujeitos.

Antes da entrevista semi-dirigida, foi apresentada detalhadamente a proposta da pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido e esclarecida possíveis dúvidas dos participantes.

d. Duração e Sequência de aplicação dos instrumentos

A pesquisa foi feita em três etapas:

A primeira etapa consistiu no recrutamento de participantes para a pesquisa. O método utilizado foi o método bola de neve.

A pesquisadora entrou numa sala de nono período da psicologia da PUC-SP e perguntou se alguém poderia indicar um conhecido que utilizava com muita frequência o Facebook, com isso, através de estudantes, obteve o contato de algumas pessoas.

Depois dessa indicação, foi feito o primeiro contato com os possíveis participantes e enviado o questionário inicial online, afim de conhecer um pouco sobre aquela pessoa.

A segunda etapa consistiu na seleção dos participantes, de acordo com o perfil da pesquisa. Após a seleção, os participantes foram contatados via telefone e/ou e-mail para marcar a entrevista semi-dirigida, no dia e horário adequado para o participante e pesquisador.

Para a realização da coleta de dados, através da entrevista semi-dirigida, foi estipulado o período de uma hora.

Antes da coleta de dados, foi entregue o Termo Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, para que autorizassem o uso do material coletado e a gravação da entrevista.

5.5 Método de análise dos dados

Os dados coletados foram categorizados e analisados, de acordo com o conteúdo das respostas das perguntas realizadas na entrevista semi-dirigida. Por fim, foi feita uma análise e os resultados foram interpretados sob a perspectiva da Psicologia Analítica, visando compreender a construção da Persona e Sombra no ambiente virtual.

5.6 Cuidados Éticos

Antes da realização da pesquisa, foram realizados uma série de cuidados éticos:

Primeiramente, o projeto “A construção do perfil virtual: um estudo sobre os usuários do Facebook” foi submetido ao Comitê de ética em pesquisa (CEP) da PUC-SP e, somente depois de ter um parecer favorável (CAAE: 61885416.7.0000.5482; número do parecer: 1.889.398), foi iniciada a coleta de dados.

Antes da coleta de dados, foi assegurado o sigilo da identidade do participante e das informações da entrevista. Logo a seguir, foi entregue o Termo Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, para que os participantes autorizassem o uso do material coletado. Também, os voluntários foram informados que poderiam se recusar a participar da pesquisa, assim como poderiam pedir esclarecimento sobre os procedimentos realizados, a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Foi informado ao sujeito que, ao final da pesquisa, o pesquisador estaria disponível para realizar uma entrevista devolutiva, caso tivessem interesse, onde seriam abordados os resultados do estudo.

6.RESULTADOS

A partir das respostas obtidas através da entrevista semi-dirigida, algumas falas dos participantes foram agrupadas, de modo que fossem criadas algumas categorias de análise, afim de identificar a existência de padrões relacionados ao perfil virtual e a vivência online, assim como sobre os conteúdos postados e modificados em seu perfil.

As categorias foram agrupadas da seguinte forma:

- Motivação para o uso do Facebook
- Interesses pessoais no Facebook
- Privacidade no Facebook
- Perfil Online *versus* Vida Offline

Essas categorias serão analisadas sob a perspectiva da Psicologia Analítica, tendo como enfoque os conceitos de Sombra e Persona.

6.1 Caracterização da amostra

A amostra da pesquisa foi composta por três mulheres, com idades entre 22 e 24 anos e um homem de 23 anos. A partir das entrevistas realizadas, foram criadas algumas categorias de análise, que se relacionam com a construção do perfil virtual dos participantes. No anexo C, encontra-se a transcrição das entrevistas realizadas.

6.1.1 Breve apresentação do participantes

Participante A: Homem – 23 anos – Acessa diariamente o Facebook - Compartilha postagens diariamente - Compartilha fotos e/ou opiniões próprias uma ou mais vezes por semana.

Participante B: Mulher- 24 anos – Acessa diariamente o Facebook - Compartilha postagens uma ou mais vezes por mês – Compartilha fotos e/ou opiniões próprias uma ou mais vezes por semana.

Participante C: Mulher- 23 anos – Acessa diariamente o Facebook - Compartilha postagens uma ou mais vezes por semana – Compartilha fotos e/ou opiniões próprias uma ou mais vezes por semana.

Participante D: Mulher- 22 anos – Acessa diariamente o Facebook - Compartilha postagens diariamente - Compartilha fotos e/ou opiniões próprias uma ou mais vezes por semana.

6.2 Motivações para o uso do Facebook

6.2.1 Compartilhar interesses pessoais

Na entrevista, ficou claro as motivações dos participantes para utilizarem o Facebook. Um dos pontos principais foi a possibilidade de compartilhar seus gostos e interesses pessoais com seus amigos.

Como nos exemplos:

Participante A: Eu costumo postar coisas que me interessam e que eu acho que vão interessar as outras pessoas, também. Geralmente, com conteúdo mais de comédia e vira e mexe eu compartilho alguma coisa de desenho ou alguns quotes, algumas citações que eu acho que são interessantes.

Participante B: (...) eu posto uma coisa ou outra quando, sei lá, estou assistindo uma série ou alguma premiação, alguma coisa assim.

Também, um dos participantes, partiu do pressuposto que se não o interessa, não irá interessar ao seu círculo de amigos. Mostrando uma preocupação em estar de acordo com seus gostos e opiniões e, também, com sua rede de amigos, pensando o que irão gostar de ver e coisas que possam os interessar.

Participante A: Eu não compartilho nada de esportes, assim no geral (...) Não me interessa e também acho que não vai interessar os outros. O meu círculo social, de amigos que eu tenho, acho que não vai interessar a eles.

Outro ponto a ser considerado é que os usuários do Facebook, esperam ter aprovação do conteúdo que postam. Durante as entrevistas, essa questão apareceu duas vezes. Uma na forma de estratégias para ter mais curtidas, como na fala do Participante A e outra como na exclusão do conteúdo, presente na entrevista da participante B.

Participante A: eu tenho horários que eu gosto de postar, porque eu acho que são os horários que eu acho que as pessoas vão ver e que elas vão dar “likes”, porque eu gosto muito de ver que uma pessoa está feliz com aquilo que eu postei. Então, por exemplo, se eu vejo que aquela pessoa deu aquele curtir novo que é o “haha” ou posta uma risada eu fico muito satisfeito em ver a felicidade do outro, eu acho isso muito legal.

Participante B: A deletei porque ninguém curtiu um dia inteiro e aí eu falei “ninguém quer ver isso mesmo”, aí eu tiro, sabe. Porque eu acho que o intuito de compartilhar é você mostrar para outras pessoas, porquê se for só para eu ver, eu não preciso compartilhar. E aí se ninguém curte não tem porque está lá. Eu posso salvar e aí só eu vejo.

6.2.2 Mostrar algo para outros usuários

Além dos internautas usarem o Facebook para compartilhar interesses, com sua rede de amigos, é comum eles utilizarem essa rede social para mostrar alguma coisa para alguém específico e não apenas expor sua opinião e interesses para quem tiver interesse naquela publicação. Isso pode ocorrer de modo explícito, marcando alguém na publicação, para que a pessoa veja e saiba que aquilo que foi postado remeteu o usuário a lembrar daquela pessoa marcada. Como na fala abaixo da *Participante C*.

Participante C: Ontem mesmo, eu publiquei um negócio que eu achei com a cara da minha mãe, eu coloquei “olha aí, mãe, é a nossa cara”, mas nada com legendas extensas ou pensamentos do dia ou filosóficos, nada.

Mas, também, muitas publicações são feitas para alguma pessoa em específico, no entanto de modo implícito, ou seja, quando não é marcado o outro usuário, mas há intenção de que o outro identifique aquele conteúdo como sendo para ele.

Exemplos:

Participante A: Às vezes, quando vejo alguém dando um fora eu posto algum texto. Não marco a pessoa, mas eu deixo lá, tipo no ar, fica a dica da leitura.

Participante B: sobre compartilhar alguma coisa para alguém específico “Já claro, com certeza. São geralmente, de coisas que aconteceram. Por exemplo, se eu discuti com alguém ou se alguém falou alguma coisa ruim sobre mim. Aí eu vou lá e coloco uma foto para mostrar que não é aquilo. É mais sobre alguma coisa que aconteceu do que eu não querer falar com aquela pessoa. ”

6.3 Interesses pessoais no Facebook

6.3.1 Explicitar opinião sobre um assunto

Os participantes mostram que usam o Facebook para receber informações, assim como propagar informações sobre alguns assuntos como o feminismo, machismo e causas LGBT.

Como por exemplos:

Participante A: sobre os conteúdos que costuma escrever e opinar “Geralmente, é uma coisa de política ou alguma coisa mais de militância, da parte LGBT. ”

Participante D: até um tempo atrás, eu postava muito opiniões voltadas tanto para o movimento social, quanto movimento político, essas coisas.

Além de ser um meio de receber notícias sobre diversos assuntos, como nas falas abaixo:

Participante B: Eu curto bastante página de séries e de coisas relacionadas. Então, por exemplo, lançamentos da Netflix, então eu consigo saber dos lançamentos e consigo saber o que é que tem de novo. Eu curto bastante página de notícias do mundo pop, assim de modo geral. É basicamente isso. Ah, Buzz feed, essas coisas (...)

Participante D: (...) eu também uso bastante para receber notícias.

Ao receber notícias, os internautas ficam informados no que está acontecendo no mundo e sabendo as novidades dos seus assuntos de interesse. Também, tem acesso a opiniões diversas que gera a oportunidade de pensar sobre diferentes assuntos e diversos pontos de vista, sendo possível discutir na rede, aprender e ensinar outros pontos de vista, como no caso do participante A em que, através de uma publicação, pode perceber uma nova forma de pensar.

Participante A: sobre arrependimento de ter postado “Já, eu até excluí a coisa (...) Eu percebi que aquilo lá foi impróprio, porque eu não faço parte dessa luta e eu acho que também não cabe a mim julgar isso. Então, depois que ela me falou e me ensinou algumas coisas eu percebi que aquela postagem foi errada e eu deletei ela. ”

6.3.2 Identificação com a vida offline

Os participantes falam que muito dos conteúdos compartilhados no Facebook tem relação com as coisas que eles se identificam na vida offline.

Como nos exemplos:

Participante A: Algumas coisas, assim, que eu acho que me identifico muito como algumas frases, pode ser letra de música. Eu compartilho bastante vídeo de música, também, e algumas fotos do meu dia a dia, algumas selfs e é isso daí.

Participante B: sobre legenda de fotos “Eu coloco ou frase de música ou de algum poeta. Mas se é uma foto específica eu coloco essas legendas, empoderamento, feminismo, essas coisas.”

Outro ponto é a identificação com frases e citações, remetendo algum sentimento ou pensamento que está diretamente ligado com os aspectos da vida offline do sujeito. Como no caso das falas abaixo da *Participante C*.

Participante C: Eu coloco mesmo mais essas frases que eu acho que fazem sentido para mim e para a vida, aí eu coloco, mas sempre entre aspas.

Participante C: Não, eu sempre costumo postar o que faz sentido para mim. Mesmo as coisas cômicas e das de comédias, que eu vejo na Disney irônica, eu compartilho coisas que eu acho que vão fazer sentido para mim, ali no momento.

Também, a fala da Participante B sobre suas fotos postadas, traz que elas são utilizadas como uma forma do perfil refletir e mostrar momentos do dia a dia.

Participante B: sobre as fotos que posta “É, então mais quando eu viajo assim e tal, colocar de algum momento especial.”

6.4 Privacidade no Facebook

6.4.1 Critérios para adicionar alguém na rede social

Um dos pontos comuns entre as entrevistas é que todos os participantes demonstraram critérios para adicionar alguém no Facebook. O principal critério foi conhecer a pessoa fora da rede social ou ter algum ponto em comum com aquele outro usuário, como por exemplo páginas curtidas, amigos.

Exemplos das falas dos participantes:

Participante A: (...) às vezes tenho amigos de jogos online, que me fala para passar o face, aí eu passo e adiciono.

Participante B: Eu vejo se eu tenho alguns amigos em comum com a pessoa, se eu conheço a pessoa. Tipo esses perfis que tem 2 amigos, com nome árabe eu não

aceito, mas esses que são tipo da faculdade, eu sei que é da mesma faculdade, tenho 50 amigos em comum. Eu sei que a pessoa é faculdade, tem um monte de amigos em comum, aí eu aceito, porque, às vezes, a pessoa precisa de alguma coisa, entendeu? Aí eu aceito. E se eu conheço também aceito.

Participante C: Antes eu aceitava todo mundo. Hoje em dia, eu tenho critério de que se eu não conheço, eu não aceito. Só adiciono quem eu conheço, é claro que tem pessoas que eu conheço e conheço assim de vista e não conheço a fundo, mas a pessoa que nunca vi na vida e me adiciona ou que só vi uma vez na vida eu não aceito. A pessoa que eu não conheço, eu não aceito.

Participante D: Tenho, eu vejo se eu conheço, se eu não conheço eu vejo se é de algum grupo incomum, que eu tenho muito grupo no Facebook. Eu, também, vejo se as postagens da pessoa vão me irritar, se for me irritar eu já nem aceito

Outro ponto é que nas falas abaixo aparece que os participantes têm uma certa preocupação de controlar as pessoas que querem ter ou não no Facebook e o que eles esperam ou querem evitar ao selecionar seus contatos.

Por exemplo:

Participante B: família eu não tenho no meu Facebook, porque eu sei que gera comentários ruins, inveja, então eu não tenho.

Participante D: Então, eu controlo mais ou menos quem eu tenho no Facebook. Tem muita gente que eu excluo, eu deixo mais quem eu gosto de ver o que posta.

6.4.2 Uso de recursos de bloqueio

Os participantes, além de demonstrarem preocupação com as pessoas que serão mantidas na sua rede social, mostraram-se receosas com sua privacidade no Facebook e afirmaram utilizar ferramentas de bloqueio, tanto de postagens por exemplo, ser visível somente para um grupo de pessoas, como a opção de marcação, alguns participantes precisam aceitar previamente para poder aparecer em sua página.

Abaixo seguem falas para ilustrar

Participante A: Sim, as minhas postagens são só para amigos. Salvo algumas coisas que não tem como esconder, tipo capa do Facebook. Aí eu tento ser um pouco mais

estrito. (...) no Facebook eu também tiro algumas pessoas da minha família. O que eu publico eu não deixo algumas pessoas da minha família ver (...)

Participante B: Eu deixo só para os amigos, eu evito deixar público por causa dessa questão de família e tal, mas está no Facebook né. As pessoas que estão adicionadas, eu não vejo porque não mostrar para elas.

Participante B: E outra coisa, de filtrar as pessoas, deixar só para algumas e tirar para outras, eu não tenho nenhum tipo de filtro assim não, porque eu acho que se eu quero que uma pessoa não veja, eu acho mais fácil já não ter ela no meu Facebook, ao invés de eu ficar filtrando.

Participante B: sobre o recurso de marcar em fotos “Eu permito, mas eu tenho que ver antes. Então, assim, eu deixo a marcação liberada, mas não deixo todas aparecerem na minha linha do tempo. ”

Participante C: Sim, eu tenho filtros, como por exemplo, pessoas desconhecidas não podem ver as minhas publicações, acho que é só a foto de perfil. Provavelmente, é a pessoa que entra e só vê as fotos de perfil. Na marcação, eu não deixo marcar automaticamente, eu tenho que aceitar ou não. Eu não lembro ao certo, mas todos esses recursos de privacidade eu tento utilizar.

Uma das participantes, nas falas abaixo, relatam a dificuldade de saber quais informações estão ou não bloqueadas.

Participante D: eu até tentei bloquear algumas coisas, mas eu sou uma pessoa muito zero à esquerda com tecnologia, por isso eu não sei muito mexer nessas coisas.

Participante D: Eu acho que depois que aconteceu isso, eu bloqueei, mas eu não sei se eu bloqueei total, porque eu não lembro se quando eu fui bloquear... porque eu acho que quando eu vou postar alguma coisa dá para você bloquear só aquela coisa, eu lembro que eu tentei bloquear e acho que está bloqueado, mas não sei o quanto bloqueado está.

6.4.3 Arrependimento, modificação e exclusão de conteúdos

Outro ponto importante é o arrependimento, modificação e exclusão de conteúdo. Todos os participantes disseram que, pelo menos, uma vez chegaram a se arrepender

de alguma coisa que publicaram e, a maioria deles, chegaram a excluir aquele conteúdo.

Durante a entrevista, alguns participantes disseram que se arrependeram e excluíram as suas postagens, depois que tiveram mais informações sobre aquele conteúdo compartilhado por eles como por exemplo:

Participante A: sobre arrependimento de ter postado “Já, eu até excluí a coisa (...) Eu percebi que aquilo lá foi impróprio, porque eu não faço parte dessa luta e eu acho que também não cabe a mim julgar isso. Então, depois que ela me falou e me ensinou algumas coisas eu percebi que aquela postagem foi errada e eu deletei ela. ”

Participante D: sobre deletar ou modificar algum conteúdo “Porque eu publiquei uma coisa e, depois, eu fui pesquisar a fundo e era mentira, então acabei excluindo. ”

Outro ponto que surgiu ao longo da entrevista, está presente na fala na participante abaixo, em que ela sofre com problemas até hoje, por causa de um vídeo postado, que é utilizado e reproduzido sem a devida autorização, causando problemas na vida offline da participante.

Participante B: sobre arrependimento de ter postado “No primeiro ou no segundo ano da faculdade eu fiz um vídeo para uma promoção, era uma paródia, que eu tinha que fazer para uma promoção para conhecer a Taylor Swift. Só que assim, ficou pouco tempo online e tal, só que já foi o suficiente para algumas pessoas salvarem o vídeo e eu tenho certeza que algumas tem até hoje.

E aí, nesse contexto da faculdade, o vídeo acabou tomando umas proporções muito grandes e ruins, né. De tipo, reunião da empresa júnior, em dia de confraternização, eles passaram o vídeo mesmo sem eu fazer parte da instituição, nem nada e sem minha autorização. Eu fiquei sabendo por terceiros, que me contaram. ”

Outro problema sofrido, por uma das participantes, foi fofoca de pessoas que tinham acesso ao seu Facebook.

Participante D: (...) como o meu Facebook é aberto e eu nem sei fechar essas coisas, eu postava muita coisa LGBT e falaram para o meu pai que eu era lésbica (...)

Por fim, outro motivo relevante que leva as pessoas a excluírem informações de seus perfis é atribuído a conflitos gerados na rede.

Participante C: Sobre a exclusão de conteúdos “Eu estava lá no dia e publiquei um negócio falando do que eu achei e eu vi que, logo em seguida, começaram a comentar e tal, ‘mas isso não é bem assim’, então eu tirei, porque entrou na coisa de dar intriga, de gerar conflito e opiniões inversas, aí apaguei porque me arrependi, mas de resto não. ”

Participante D: Também, coisas que começam a dar muita opinião e começa a dar briga eu excluí alguma coisa assim. ”

6.5 Perfil online versus Vida offline

Durante a entrevista realizada, três participantes disseram que seu perfil virtual no Facebook, reflete o que eles são na vida offline.

Exemplos de falas dos participantes:

Participante B: sobre o perfil virtual ser compatível com a vida offline “Sim, só tem foto. Pega o meu celular só vai ter foto também. E essa questão de feminismo tal também é uma coisa que eu tenho muito em mim. Eu acho que reflete total. ”

Participante C: Sim, meu perfil reflete o que eu sou.

Participante C: Sim, vão conhecer a mesma pessoa.

Participante D: sobre a pergunta se perfil do Facebook reflete o que ela é “Acho que sim. ”

No entanto, um participante disse que seu perfil reflete em partes o que ele é, justificando que ele passa uma imagem muito mais divertida e engraçada, no contexto virtual do que na sua vida offline.

Exemplo:

Participante A: Eu acho que eu me escondo muito atrás de coisas engraçadas, como se fosse um suposto alívio cômico, sabe. Não sei se é essa palavra adequada que eu devo usar aqui. Eu acho que reflete uma coisa, mas não totalmente. Eu acho que eu sou uma outra pessoa.

Participante A: Eu acho que no Facebook eu sou uma pessoa muito mais extrovertida e menos preocupado. Eu no Facebook sou muito diferente de eu da vida real, porque eu do Facebook não me preocupo com problemas do dia a dia, se eu for me preocupar

com algum problema do dia a dia eu sempre tento fazer alguma coisa com o teor mais cômico, sempre tento fazer uma piada. Mas quando eu estou comigo na vida real eu sou totalmente diferente, eu não faço piada, fico totalmente preocupado eu tenho meus problemas e minhas tensões.

6.6 Outros dados

6.6.1 Evitar conflitos

Outro dado relevante encontrado na pesquisa, é que todos participantes demonstraram preocupação com conflitos no Facebook, assim como com a repercussão daquilo que é postado, muitas vezes evitando de postar certos conteúdos ou deixando de comentar suas opiniões a respeito de algum tema. As justificativas que apareceram para evitar os conflitos foram focos e problemas na vida offline, inclusive mal-estar.

Exemplos:

Participante A: Já ainda mais quando algumas vezes quando eu posto letras de música são com certas indiretas para algumas pessoas, e aí eu deixo de postar porque eu acho que a pessoa vai entender aquela indireta e eu não quero problema para cima de mim, então eu não posto.

Participante B: sobre escrever a sua opinião em um compartilhamento “É que na verdade, eu não compartilho muitas coisas de opinião, porque eu não quero criar polemica no meu Facebook. Eu não preciso disso, ficar causando polemica numa rede social e depois as pessoas ficarem com problema, achando, que tipo, que essa é minha opinião em relação a tudo e é imutável. Tem muita gente que só lê uma coisa e já julga todo resto, eu prefiro evitar esse tipo de situação, no meu Facebook. ”

Participante C: Eu acho que muita gente começa a compartilhar suas opiniões e até mesmo postes. Aí começa a viralizar, aí o que não gosta vai lá e comenta, o outro também comenta, é isso que eu não gosto muito no meu Facebook. Eu acho que é começar, sei lá, intriga e poluir demais, então esse tipo de conteúdo eu não coloco. Eu não posto coisas que eu vejo que vai gerar muita opinião e coisa divergente, coisas que podem gerar intriga, então, eu prefiro colocar mais frase, fotos, essas coisas.

Participante D: Eu estava discutindo muito com o pessoal, e eu acabei saindo um pouco dos grupos que eu estava, para focar mais em outras coisas

7. DISCUSSÃO

No capítulo anterior foram criadas categorias de análise que serão retomadas a fim de serem discutidas sob a perspectiva da Psicologia Analítica.

O primeiro ponto apresentado no capítulo 6, tópico 6.2, foram apresentadas as Motivações de uso do Facebook, dentro desse tópico foram encontradas duas categorias. A primeira, categoria 6.2.1, está relacionada com o compartilhamento de interesses pessoais no Facebook. Percebe-se nas respostas dos participantes que há uma preferência em compartilhar conteúdos relacionados aos seus gostos pessoais. Tendo em vista o trabalho de Liz, Santos e John (2012) que defendem que as pessoas são reconhecidas pelos conteúdos que colocam na rede, seja fotos, opiniões, preferências musicais. Nota-se que ao compartilhar seus gostos pessoais na rede, isso colabora com a construção da imagem do usuário no Facebook, uma vez que remete a aspectos da personalidade do sujeito.

Nessa perspectiva, a pesquisa de Back *et al* (2010) traz que os internautas estão mais propensos a projetarem a sua própria personalidade, sendo que os conteúdos compartilhados, como fotos, opiniões e informações pessoais, ajudam nessa projeção real. Essas informações acabam sendo confirmadas pelos contatos presentes no perfil do usuário, o que torna muito mais difícil o perfil não ser condizente com a vida offline do usuário.

Outro ponto é que ao compartilhar um conteúdo de uma página em seu perfil, por exemplo, os usuários escolhem o que será compartilhado, isso faz com que os outros internautas tenham uma ideia sobre o autor do perfil. Com isso, o autor tem o poder de escolher qual a imagem será vista pelos outros, ao fazer a seleção dos componentes que serão expostas em seu perfil (BIZZOTTO e FORTIM,2011). Sendo que, geralmente, os indivíduos escolhem os conteúdos a serem compartilhados tendo em vista seu interesse pessoal, sendo assim Moreira e Rodrigues (2010) defendem que é a partir dessas escolhas que o sujeito constrói a imagem que será transmitida para os outros usuários. Ou seja, de certa maneira o grupo que ele pertence e os conteúdos postados fazem parte da construção da identidade do sujeito virtual.

Também, ao escolher quais conteúdos serão compartilhados, os internautas levam em conta o que pode interessar ao seu grupo de amigos, remetendo, também, a imagem que quer ser mostrada. Isto é apresentado no trabalho de Ferreira (2014) que

mostra que ao construir uma identidade virtual, o usuário está intrinsecamente ligado aos outros indivíduos de sua rede, pois busca-se, de certa forma, uma aprovação sobre a imagem construída naquele perfil.

Essa aprovação, está presente nas falas dos participantes A e B que demonstram preocupação com a repercussão dos conteúdos postados nas páginas deles. Sendo que pode ocorrer até a exclusão do conteúdo se não tiver um certo grau de aprovação, também remetendo a pesquisa de Back *et al* (2011), onde os conteúdos dependem da aprovação dos amigos da rede.

Por fim, pode se dizer que quando não há a aprovação social há uma repercussão no modo em que os internautas usam a rede, buscando sempre ter uma quantidade de visibilidade daquele conteúdo, seja através de curtida ou comentários, quando essa repercussão esperada não é atingida, o conteúdo pode acabar até sendo retirado do perfil. No estudo de Rosa e Santos (2014) os autores falam sobre os tipos de perfis expostos, tendo em vista a finalidade de uso da rede social. Os perfis denominados, por estes autores como “interação mediada”, remetem a exposição de gostos e preferências que são repassados pelos recursos de curtir e compartilhar, esse tipo de perfil é o que fica mais em evidência durante a entrevista, no entanto, não é o único. Deve ser levado em consideração que a finalidade de uso não é estática, pode ser alterada ao longo do tempo.

O segundo ponto, do tópico 6.2, é sobre o interesse dos usuários em “Mostrar algo para outros usuários” (6.2.2). Ao publicar em seu perfil, existem conteúdos que os usuários escolhem como uma forma de mostrar algum ponto específico para alguém. Também, a pessoa pode marcar a outras pessoas ou não, deixando os conteúdos para um usuário específico de forma direta ou indireta. Nota-se que, de acordo com Ferreira (2014) as redes sociais influenciam na forma que as pessoas interagem e comunicam, alterando assim o modo que é construída e apresentada a identidade para os outros.

Percebe-se que ao compartilhar, mesmo que para outros internautas, os indivíduos estão construindo o seu perfil, porque, de certa maneira, aquele conteúdo faz parte do perfil e reflete as opiniões dos sujeitos.

Também, deve ser levado em conta o trabalho de Recuero (2009) que traz que as interações, relações e laços sociais no Facebook são muito importantes para a manutenção da rede, pois são elas que mantêm as conexões entre os usuários. Nota-se que a maioria das interações na internet, são reativas, ou seja, através do recebimento de um link, notícia, etc e os laços mais comuns são os associativos, ligados a um grupo, instituição ou local. No entanto, não são as únicas maneiras de interagir em uma rede social, também, há interações mútuas, que envolve uma troca de diálogo e comentário entre os internautas.

As interações são as responsáveis por manterem os sujeitos nas redes sociais e, também, são elas que os atraem a participar. Ao fazer uma publicação, os usuários estão interagindo com os outros. Fazer uma publicação, com um objetivo específico, é uma forma de alteração na comunicação e na interação entre os sujeitos da rede, remetendo ao trabalho de Ferreira (2014) que defende que as redes sociais influenciam na forma de interação e comunicação entre os usuários.

No tópico 6.3 “ Interesses pessoais no Facebook”, também foram encontradas duas categorias de análise “Explicitar opiniões sobre um assunto” e “Identificação com a vida offline”.

Ao explicitar a opinião sobre um determinado assunto, os sujeitos estão mostrando sua personalidade e construindo sua identidade. Levando em conta a pesquisa de Matuck e Meucci (2005) que define identidade como atribuição e apresentação de características a um indivíduo, tendo em vista seus valores, cultura e atitudes. Ou seja, é necessário levar em consideração, aspectos culturais, elementos sociais e o momento histórico que o sujeito está inserido, na construção de identidade (DUALIBE, SOUSA e ARAÚJO, 2010). Com isso, ao explicitar a opinião sobre alguns conteúdos, muito discutidos contemporaneamente, os usuários estão também construindo suas identidades e conseqüentemente a forma que os outros internautas o verão. Demonstrando que o uso do Facebook serve como uma ferramenta de luta de ideais e expressão de ideias e opiniões sobre determinados assuntos.

Também, as redes sociais, muitas vezes acabam sendo um espaço de discussão e um lugar onde os sujeitos podem expor seus pontos de vista. Pode-se considerar, que muitas vezes o espaço virtual é o local em que as pessoas procuram por novas informações e trocam opiniões. Ao discutir assuntos contemporâneos, como os

trazidos pelos participantes, assuntos LGBT e sobre feminismo, entra nessa dinâmica de construção de identidade, onde os indivíduos estão atrelados ao seu tempo histórico e social.

Outro ponto é que ao utilizar o Facebook para discutir e opinar sobre esses assuntos, pode-se levar em conta uma das finalidades de uso das redes sociais citadas por Rosa e Santos (2014), em que os autores dão o nome de “ativismo”, que consiste na difusão de ideias e promoção de debates e mobilização na rede. Lembrando que os autores Junco (2013) e Hollenbaugh e Ferris (2014) levantaram uma série de finalidades de uso do Facebook, como por exemplo, manutenção de relacionamento, passa tempo, entretenimento, participação política, etc.

É importante de se ter em mente que os usuários podem utilizar as redes sociais tendo em vista mais de um objetivo. No caso da amostra dessa pesquisa, foi observado que as maiores finalidades de uso foram principalmente lazer e militância, no entanto, podem ter outras finalidades que não foram captadas na entrevista. Reforçando a ideia de que no contexto virtual não pode ser atribuído um perfil como estático, ele sempre está em constante mudança e transformação, então as finalidades podem ir se alterando ao longo do tempo.

Na categoria 6.3.2 “Identificação com a vida offline” percebe-se que os usuários escolhem compartilhar no Facebook informações que remetem a vida offline deles. Não precisa ser necessariamente conteúdos escritos por eles, mas também fotos, citações, músicas. Tudo que é compartilhado na rede traz aspectos do gosto pessoal do sujeito, isso reflete a vida offline do sujeito.

Ao compartilhar uma foto, por exemplo, o usuário está mostrando seus gostos pessoais e, também, está validando e autenticando seu perfil, uma vez que traz aspectos do cotidiano e gostos do usuário. A foto remete muito ao que o sujeito faz no seu dia a dia e a forma como ele vê o mundo. As legendas podem ser entendidas como uma complementação da imagem que os internautas querem mostrar para os outros e, também, como uma forma de demonstrar seus sentimentos e pensamentos sobre aquela imagem ou sobre sua visão de mundo. Esses conteúdos compartilhados fazem com o que as outras pessoas da rede percebam um pouco sobre aquele usuário (LIZ, SANTOS e JOHN, 2012).

Lembrando que a identidade é uma mistura da imagem que o sujeito faz de si com a imagem que os outros indivíduos têm dele (MATUCK e MEUCCI, 2005). Sendo que é importante a aceitação e validação dos outros usuários da rede nos conteúdos expostos no perfil (FERREIRA,2014 e BACK *et al*, 2011).

A partir disso é possível concluir que as postagens que são realizadas pelos usuários do Facebook, muitas vezes estão ligadas a outros usuários, não somente porque eles se identificam com aquele conteúdo, mas, também, como uma forma de relação com as outras pessoas que estão na sua rede.

O próximo tópico 6.4 “Privacidade no Facebook” foi dividido em três categorias de análise. Nota-se que na primeira categoria 6.4.1 “Critérios para adicionar alguém no Facebook” o critério que foi citado por todos os participantes foi conhecer aquela pessoa fora da rede social. Outro ponto é que quando não se conhece aquele internauta, os usuários buscam algum ponto em comum, como páginas que seguem, amigos em comum, etc.

Esses critérios foram reforçados pelo trabalho de Bergamann e Silveira (2012) em que aponta que a maioria dos participantes declararam adicionar apenas amigos e familiares, também uma grande porcentagem disse que aceitava convites de amizade de pessoas da escola/ faculdade/ trabalho e conhecidas, apenas 5% relatou que adicionava qualquer pessoa.

Também, na fala da participante C percebe-se que, ao longo do tempo de uso do Facebook, houve uma mudança de comportamento. Sendo que antes ela adicionava qualquer pessoa, no entanto, atualmente, apenas as pessoas que ela conhece na vida offline. Essa mudança remete a uma preocupação com sua privacidade e dos conteúdos que são expostos na rede social.

Outro ponto, é que os usuários gostam de ter um certo controle das pessoas que estão na sua rede, afim de evitar algumas atitudes dos outros usuários, como explicitado na fala da participante B.

De um modo geral, os usuários acabam optando em manter nas suas redes sociais, preferencialmente pessoas que tem um vínculo em comum, principalmente as que estão ligadas a vida offline e que elas se sintam confortáveis de compartilhar coisas de seus interesses.

A segunda categoria de análise 6.4.2 “Uso dos recursos de bloqueio” os participantes mostram-se preocupados com a visualização de suas publicações. Todos citam que utilizam algum filtro nas suas publicações, geralmente o conteúdo publicado é só para amigos.

No entanto, os participantes utilizam informações pessoais no seu perfil, de modo que mostra que existe uma certa confiança na hora de divulgar alguns dados como, por exemplo, nome, data de nascimento, status de relacionamento. Isso confirma a afirmação de Bergamann e Sileveira (2012) em que os internautas confiam nas redes sociais para colocar em seus perfis virtuais informações privadas e pessoais.

Outro ponto nessa categoria, que ficou claro, é que muitas vezes os usuários têm dificuldade de saber que conteúdos em seus perfis estão ou não abertas ao público. Essa ideia está presente em vários estudos que mostram a questão da exposição de informações tem como fonte a dificuldade na comunicabilidade e usabilidade nos recursos de privacidade do Facebook (BERGAMANN E SILVEIRA, 2012; JÚNIOR, XAVIER E PRATES, 2013; RODRIGUES *et al*, 2012; TERTO, ALVES, ROCHA e PRATES, 2012).

Por fim, a categoria 6.4.3 “Arrependimento, modificação e exclusão de conteúdos” mostra que os participantes, já se arreponderam de algum conteúdo publicado, muitas vezes já excluíram aquele conteúdo. As motivações para a exclusão do conteúdo são diversas, sendo a maioria ligada a presença de outros usuários da sua rede, remetendo assim a pesquisa de Ferreira (2014) que fala sobre a importância da aceitação dos outros usuários sobre a imagem que foi produzida na identidade na rede social. Com isso, ao deletar ou modificar uma publicação é um modo de construir uma imagem diante dos outros usuários da rede e buscando aceitação dessa imagem produzida.

Outro ponto que apareceu durante a entrevista, foi na fala da participante B, remete a um problema sofrido pela exposição online. Na pesquisa de Bergamann e Silveira (2012) foi apresentado um dado em que apontava que cerca de 53% da amostra dessa pesquisa relataram que tinham conhecidos que já haviam sofrido algum problema nas redes sociais, destes a maioria disseram que foram comentários maldosos.

No entanto, nas entrevistas em maior ou menor grau, aparecem problemas resultantes da exposição na rede. Contrapondo a pesquisa de Bergamann e Silveira (2012) que aponta que a maioria das pessoas, 85% de sua amostra, nunca tinham tido problemas nas redes sociais.

Um ponto muito presente nas entrevistas foi a preocupação dos usuários em evitar polêmica, isso pode estar ligado com a perda de controle do alcance de suas publicações, assim como suas possíveis repercussões na vida offline.

Por fim, o tópico 6.5 analisa o perfil online com relação a vida offline. De um modo geral, os participantes disseram que se identificam com o seu perfil virtual. Remetendo assim, a pesquisa realizada por Polianov (2015), em que os resultados apontam para que 85% dos participantes afirmam que o seu perfil no Facebook é uma representação verdadeira de si. Ou seja, sua persona offline está representada nas redes sociais, até porque essa representação social de si é constantemente avaliada pelos contatos de sua rede, que como visto antes, geralmente são as mesmas pessoas que fazem parte da vida offline. Sendo assim Back (2010) traz em sua pesquisa que as pessoas acabam projetando sua própria personalidade em seus perfis, uma vez que utiliza informações pessoais, pensamentos, fotos e constantemente seus amigos confirmam a confiabilidade das informações fornecidas no perfil.

No entanto, um participante disse que seu perfil reflete em partes o que ele é, justificando que ele passa uma imagem muito mais divertida e engraçada, no contexto virtual do que na sua vida offline. Esse aspecto, também, remete a pesquisa de Polianov (2015) que traz que cerca de 15% das pessoas dizem que os seus perfis refletem em partes eles.

Na internet, embora haja uma pressão para o sujeito exercer a mesma persona que na vida real, principalmente pelo fato dos sujeitos manterem a maioria dos contatos de sua vida offline no contexto online, há uma maior liberdade para se representar.

Levando em conta a fala do participante A e o trabalho de Bizzotto e Fortim (2011), estamos diante de um perfil fake, do primeiro tipo descrito, onde a imagem passada dele é mais idealizada, traz aspectos de sua persona offline, porém com traços de personalidade que ele gostaria de ter, como por exemplo, resolver seus problemas de forma mais cômica e engraçada. No contexto online, o sujeito sente uma maior

liberdade para flexibilizar o contrato social exercido pela persona e mostrar traços de personalidade que gostaria de ter. No entanto ao dizer que o perfil é fake, não significa que não seja verdadeiro, mas sim que contém traços idealizados.

A última categoria de análise 6.6.1 “Evitar conflitos” aponta que os participantes são preocupados com a repercussão dos conteúdos compartilhados na rede. Essa preocupação pode ser ligada ao fato da perda de controle de alcance das informações, discutido no tópico 6.4 Privacidade no Facebook, assim como mostra uma apreensão em manter a imagem que os outros usuários esperam naquele perfil, remetendo ao trabalho de Back et al (2010) e Ferreira (2014) em que espera uma certa confirmação e aceitação dos outros internautas.

Outro ponto é que a as atividades online e vida offline estão intrinsecamente ligadas, ou seja, ao evitar um conflito virtual, ao mesmo tempo, está evitando conflitos na vida offline, uma vez que esse trabalho demonstrou a ligação entre a vida online e offline do sujeito.

Por fim, foi percebido é que ao evitar certos tipos de conteúdo, a identidade online acaba sendo formata de acordo com o que as pessoas esperam daquele sujeito.

7.1 Discussão sobre Persona e Sombra nos perfis

Como dito anteriormente a persona é vista como um compromisso entre o indivíduo e a sociedade (JUNG, 2012). De acordo com Stein (2006) existem duas formas de construção da persona, uma ligada com as expectativas e demandas sociais e a outra com os objetivos e aspirações pessoais do indivíduo. Nesse mesmo ponto de vista de Vaz (2011) traz a ideia de máscara, não apenas como uma escolha de certos aspectos da personalidade, mas também como uma correspondência do que a sociedade espera do sujeito em certas situações sociais.

Com isso, pode-se perceber que ao construir um perfil no Facebook, os usuários possuem uma preocupação com as expectativas que os outros internautas têm naquele perfil. Essa pesquisa mostrou que quando um conteúdo é publicado existe uma expectativa de que ele seja curtido, quando não há essa repercussão positiva o conteúdo pode ser retirado da rede. O mesmo acontece, quanto a repercussão negativa, como por exemplo, quando gera polêmica. Nota-se nesse ponto esse

compromisso entre o indivíduo e os outros usuários, descritos como construção da persona.

Ao entrar na rede social os usuários projetam a sua persona no ambiente virtual, isso pode ser validado pelo fato dos internautas adicionarem e manterem contato com as mesmas pessoas do seu círculo social offline. A imagem criada no perfil é validada pelas pessoas da sua rede, ao mesmo tempo que estes internautas esperam o mesmo padrão de comportamentos e pensamentos dentro e fora da rede virtual.

Tem em vista o trabalho de Vaz (2011) que traz identidade virtual baseada em aspectos da personalidade que podem ser condizentes com a identidade real do sujeito. Nota-se que no caso da amostra desta pesquisa, os sujeitos demonstraram utilizar, o que o autor chama de identidade real. Durante as entrevistas, foi possível perceber que as atividades online influenciam a vida offline dos sujeitos. Isso faz com que os usuários do Facebook deixem de colocar certos conteúdos a fim de evitar conflitos dentro e fora das redes sociais, sendo necessário adaptar suas publicações para sua rede de amigos.

Por outro lado, as redes sociais favorecem certos tipos de discussão, que fora deste contexto online as pessoas pouco teriam oportunidade de se expressar, como por exemplo temas como militância LGBT, feminismo e machismo. Esses são temas que surgiram com frequência nas entrevistas, também, posicionamento político é muito comum aparecer nas redes sociais.

Também, dentro das redes sociais, os usuários podem escolher os grupos que vão pertencer e quais tipos de atividades vão executar. Esses grupos e atividades podem ajudar na construção da persona, uma vez que colabora com a imagem que os outros usuários terão sobre aquele usuário. Remetendo, as duas fontes de construção da persona descrita por Stein (2006), uma ligada as demandas sociais e outra conectada com os objetivos pessoais do indivíduo. No entanto, dependendo do grupo ou atividade realizada pode ajudar na manifestação da sombra do sujeito.

Tendo em vista que a Sombra pode ser entendida como um aglomerado de qualidades que não foram bem aceitas pelo ego, mas não apenas de cunho individual, também está ligada com a coletividade (ROTH, 2011). Outro ponto é que, de acordo com McGuigan (2009), a sombra tem uma autonomia de pensamentos, ideias, imagens,

juízo de valor, assim como a nossa personalidade consciente, por ser inconscientes o ego não pode controlá-la.

A manifestação da Sombra no contexto virtual, não precisa estar ligada apenas a aspectos negativos, mas também deve ser ligada a pontos positivos e de potenciais criativos do sujeito, que muitas vezes causam estranheza na persona e, inclusive dos outros usuários, uma vez que a sombra guarda aspectos muitas vezes desconhecidos do indivíduo.

Quando a sombra é manifestada nas redes sociais, pode ocorrer um arrependimento chegando a modificação ou exclusão do conteúdo, pois muitas vezes o sujeito não consegue ver aquele aspecto como dele e, também, sua rede de amigos não aprova aquele conteúdo.

Por fim, nota-se que os usuários projetam a sua persona, na sua atuação online, tanto através de identificação com o conteúdo, mesmo que não seja escrito ou elaborado pelo sujeito, como por exemplo, com letras de música, frases, compartilhando notícias, etc. Como através de conteúdos que são produzidos por eles, como fotos e opiniões.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos da pesquisa, que era visado investigar como os jovens constroem os seus perfis nas redes sociais, em específico no site de relacionamentos Facebook. Tendo como objetivo específico *a.* Compreender qual imagem que o sujeito quer mostrar no seu perfil, procurando entender quais conteúdos escolhem para postar e se os modifica posteriormente; *b.* Compreender como os jovens fazem relação entre os perfis virtuais e a vivência off-line; *c.* fazer uma análise sobre a construção do perfil do Facebook tendo em vista o conceito de Persona e Sombra, da Psicologia Analítica.

Foi possível observar que os usuários da rede social Facebook, escolhem postar conteúdos que tenham alguma ligação com seus interesses pessoais. Nota-se que a persona construída de modo online tem uma íntima ligação com a persona offline, muitas vezes validada por sua rede de amigos online, que geralmente são as mesmas pessoas que na vida offline.

Outro ponto é que geralmente as modificações e exclusão de conteúdos são ligadas ao arrependimento de ter postado alguma informação ou pelo fato de conter erros gramaticais, com essas postagens e alterações os usuários vão construindo uma imagem a ser passada para outros internautas.

Também, é importante ressaltar que mesmo que o conteúdo apresentado no perfil seja compartilhado, ou seja, não escrito pelo próprio usuário, ele denota aspectos da personalidade do sujeito e fazem parte da construção da imagem e, conseqüentemente, da persona do indivíduo.

Por fim, essa pesquisa foi importante para compreender a construção do perfil no Facebook e a projeção da Persona e Sombra no contexto online. No entanto, por ser uma pesquisa qualitativa tiveram algumas limitações, como por exemplo a quantidade reduzida de participantes, onde foi trabalhado mais a subjetividade individual.

A partir deste trabalho, surge como sugestão de futuras pesquisas um aprofundamento da questão de evitar conflitos nas redes sociais e como isso influencia na sua atuação online e na construção do perfil virtual.

REFERÊNCIAS

AMANTE, Lúcia; MARQUES, Helena; CRISTOVÃO; Maria do Rosário; OLIVEIRA, Paula; MENDES, Sandra. Jovens e processo de construção de identidade na rede: O caso do Facebook. **Educação, Formação & Tecnologias**. 7 (2), p.26-38, jul/dez. 2014.

AGRELA, Lucas. Orkut completa 10 anos com 6 milhões de brasileiros ativos. **Exame**. 24 de janeiro de 2014. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/orkut-completa-10-anos-com-6-milhoes-de-brasileiros-ativos/>>. Acesso em: 07 de março de 2017.

ARAUJO, Bruno. É o fim do Orkut – Veja a história da rede social mais brasileira de todas. **G1**. 29 de setembro de 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/fim-do-orkut/>>. Acesso em: 17 de abril de 2016.

BACK, Mtja D.; STOPFER, Juliane M.; VARZIRE, Simine; GADDIS, Sam; SCHMUKLE, Stefan C.; EGLOFF, Boris; GOSLING, Samuel D. Facebook Profiles Reflect Actual Personality Not Self-Idealization. **Psychological Science**, 21 (3), p. 372-374. 2010.

BERGMANN, Francine Bülow; SILVEIRA, Milene Selbach. “Eu vi o que você fez... e eu sei quem você é!”: uma análise sobre privacidade no Facebook do ponto de vista dos usuários. In: Companion Proceeding of the 11th Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems. **Brazilian Computer Society**, p.109-118. 2012.

BIZZOTTO, Bruna Valdez; FORTIM, Ivelise. Manifestações da Persona e Sombra em perfis fakes. In: **Anais Congresso Brasileiro de Psicologia e Adolescência**. 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Ivelise_Fortim/publication/267560181_Manifestacoes_da_Persona_e_Sombra_em_perfis_fakes/links/54f7a6d30cf28d6dec9ebbd6.pdf>. Acesso em 07 de maio de 2017.

DUAILBE, Nayala Nunes; SOUSA, Ricardo Barbosa Fernandes; ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira. Cibercultura: a identidade a partir da virtualização do “eu”. In: Congresso de Ciências da COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, XII, 2010, Campina Grande-PB. **Intercom-sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. p. 1-14.

FACEBOOK (a). 45% da população brasileira acessa o Facebook mensalmente. **Facebook**. 20 de março de 2015. Disponível em <<https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>> Acesso em: 17 de abril de 2016.

FACEBOOK (b). Sobre. **Facebook**. 4 de fevereiro de 2004. Disponível em <<https://www.facebook.com/pg/FacebookBrasil/about/>>. Acesso em: 27 de abril de 2017.

FERREIRA, Gil Baptista. “Como me verão os outros?” Sobre o Facebook e a construção de identidade online. **Estudos em comunicação**, nº 17, p. 21-46. 2014.

FORTIM, Ivelise. Orkut: seu passado à espera. In: FORTIM, Ivelise et FARAH, Rosa M. **Relacionamentos na era digital**. São Paulo: Ed. Giz, 2007.

GOSLING, Samuel D.; AUGUSTINE, Adam A.; VAZIRE, Simine; HOLTZMAN, Nicholas; GADDIS SAM. Manifestation of Personality in Online Social Networks: Self-Reported Facebook-Related Behaviors and Observable Profile Information. **Cyberpsychology, Behavior and Social Networking**. Vol.14, nº 9, p.483-488. 2011.

HALL, Calvin Springer. **Introdução a Psicologia junguiana/ Calvin S. Hall & Vernon J. Nordly**; tradução de I leloysa de Lima Dantas. 8ª ed. São Paulo: Cutrix. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2015.

HOLLENBAUGH, Erin E.; FERRIS, Amber L. Facebook self-disclosure: Examining the role of traits, social cohesion, and motives. **Computer in Human Behavior**. Vol.30, p.50-58. 2014.

IBOPE INTELIGÊNCIA. O jovem internauta brasileiro possui perfil em 7 redes sociais. **IBOPE inteligência**. 18 de julho de 2014. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/o-jovem-internauta-brasileiro-possui-perfil-em-7-redes-sociais/>>. Acesso em: 07 de março de 2017.

JUNCO, Reynol. Comparing actual and self-reported measures of Facebook use. **Computers in Human Behavior**. Vol.29, p.626-631. 2013.

JUNG, C.G. Definições. In: **Obras Completas de C.G.Jung.Volume VI: Tipos Psicológicos**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth e Revisão técnica Jette Bonaventure. Petrópolis, Rj: Vozes, 1991.

JUNG, C.G. A sombra. In: **Obras Completas de C.G. Jung. Volume IX/II: Aion Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

JUNG, C.G. A persona como segmento da psique coletiva. In: **Obras Completas de C.G. Jung. Volume VII/II: O eu e o inconsciente**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 24ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JUNIOR, Manoel Pereira; XAVIER, Simone; PRATES, Raquel Oliveira. Antecipando possíveis implicações de privacidade na postagem de fotos no Facebook. In: Companion Proceeding of the 12th Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems. **Brazilian Computer Society**, p.62-71. 2013.

KANTAR IBOPE. Acessar as redes sociais é uma das atividades preferidas dos internautas brasileiros. **Kantar IBOPE**. 23 de Agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/acessar-redes-sociais-e-uma-das-atividades-preferidas-dos-internautas-brasileiros-2/>>. Acesso em: 07 de março de 2017.

KOETSE, Many. An Introduction to Sina Weibo: Background and Status Quo. **What's on Weibo**. 21 de Setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.whatsonweibo.com/sinaweibo/#three>>. Acesso em: 12 de março de 2017.

LIZ, Bianca Andrade de; SANTOS, Rennê Roberto dos; JOHN, Valquiria Michela. A construção da identidade no Facebook: análise de como as gerações constroem e compartilham sua identidade no ambiente virtual. In: **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Chapecó, SC. 2012.

MAGALHÃES, Marina; PAIVA, Cláudio Cardoso. Estilos de identidade nas redes sociais de relacionamento. **Revista do Programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal da Paraíba**, ano II, nº2, julho-dezembro. 2009.

MATUCK, Artur; MEUCCI, Arthur. A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, vol.2, nº4, p.157-182, julho. 2005.

MCGUIGAN, Richard. Shadows, conflict, and the mediator. **Conflict Resolution Quarterly**, v. 26, n. 3, p. 349-364. 2009.

MOREIRA, Walter; RODRIGUES, Vera Ventura. Espaços virtuais de relacionamento e identidade: uma análise do Orkut. **ECCOM**, v.1, nº1, p.67-74, janeiro-junho. 2010.

MOORE, Kelly; McElroy, James C. The influence of personality on Facebook usage, wall posting, and regret. **Computers in Human Behavior**. Vol.28, p. 267-274. 2012.

MUSZKAT, Malvina Ester. **Reflexões sobre a idéia de identidade no contexto da psicologia analítica**. 1980. 91 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, São Paulo, 1980.

NÓBREGA, Livia de Pádua. A construção de identidades nas redes sociais. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v.20, nº12, p. 96-102, janeiro-fevereiro. 2010.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Personas no Facebook e consumo de afiliação: percepções sobre (des)encaixes entre selves on e off-line. **ORGANICOM**, ano 12, nº22, p.227- 235, 1ºsem. 2015.

RECUERO, Raquel. **Rede Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina. 2009.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Versos e reversos**. XXVIII (68), p. 114-124, maio-agosto. 2014.

RENREN. Renren Inc. **Renren**. 30 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.renren-inc.com/en/>>. Acesso em: 12 de março de 2017.

RODRIGUES, Kamila R.H.; CANAL, Maria C.; XAVIER, Rogério A.C.; ALENCAR, Tatiana S.; NERIS, Vânia P.A. Avaliando aspectos de privacidade no Facebook pelas lentes de usabilidade, acessibilidade e fatores emocionais. In: Companion Proceeding of the 11th Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems. **Brazilian Computer Society**, p.75-76. 2012.

ROSA, Gabriel Arthur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Facebook: negociação de identidade e o medo da violência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 66 (1), p. 18- 32. 2014.

ROTH, Wolfgang. O inconsciente em C.G. Jung. In: **Introdução à Psicologia de C. G. Jung**. Tradução de Edgar Orth e Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011. (Coleção Reflexões Junguianas)

STEIN, Murray. **Jung: O mapa da alma – uma introdução**. Tradução Álvaro Cabral. 5º ed. São Paulo. Cultrix, 2006.

SAWADA, Thiago. Facebook supera 1,7 bilhão de usuários. **Estadão**. 27 de julho de 2016. Disponível em <<http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-supera-1-7-bilhao-de-usuarios,10000065340>>. Acesso em: 06 março de 2017.

TAVARES, Judy Lima. A construção do *Persona* Digital: Nova Identidade Assumida pelos Integrantes da Web 2.0. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**. 2010. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-tavares-judy.pdf>>. Acesso em 10 de outubro de 2016.

TERRA. Facebook completa 10 anos: conheça a história da rede social. **Terra**. 04 de fevereiro de 2014. Disponível em <<http://tecnologia.terra.com.br/facebook-completa-10-anos-conheca-a-historia-da-rede-social,c862b236f78f3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 17 de abril de 2016.

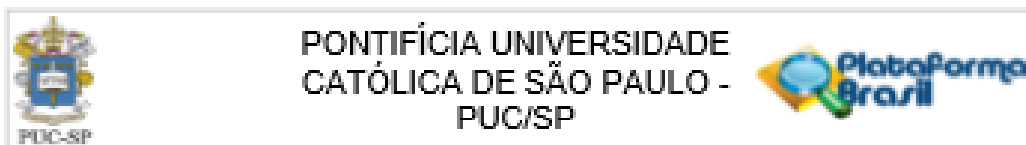
TERTO, Ana; ALVES, Cláudio; ROCHA, Janicy; PRATES, Raquel. Imagem e Privacidade: Contradições no Facebook. In: Companion Proceeding of the 11th Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems. **Brazilian Computer Society**, p.71-72. 2012.

VAZ, Raphael do Amaral. **A formação da identidade virtual na comunidade do Orkut**. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP, São Paulo, 2011.

VON FRANZ, Marie Louise. A Realização da Sombra. In: **C.G. Jung, O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ZWEIG, C; ABRAMS, J. **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. São Paulo: Cutrix, 1991.

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A construção do perfil virtual:
Um estudo sobre usuários do Facebook

Pesquisador: Ivelise Fortim

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61885416.7.0000.5482

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.889.398

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Psicologia, vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FCHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Ana Cristina De Angelis Vizza, sob a orientação da Profa. Dra. Ivelise Fortim

A proposta visa “[...] pesquisar e entender como as pessoas constroem os seus perfis na rede social Facebook, qual a imagem que elas querem mostrar de si mesmas, assim como suas motivações para postarem e compartilharem informações em sua linha do tempo. Os dados obtidos através de entrevistas serão entendidos sob a perspectiva do conceito de Persona, da Psicologia Analítica.”

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar como jovens universitários constroem os seus perfis nas redes sociais, em específico no site de relacionamentos Facebook.

Endereço: Rua Ministro Godói, 569 - sala 63 C
Cidade: Paulista **Cep:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@puosp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Projeto: 1.058.268

Objetivo Secundário:

- a) Compreender qual imagem que o sujeito quer mostrar no seu perfil, procurando entender quais conteúdos escolhem para postar e se os modifica posteriormente;
- b) Compreender como os jovens fazem relação entre os perfis virtuais e a vivência off-line; c) Fazer uma análise sobre a construção do perfil do Facebook tendo em vista o conceito de Persona e Sombra da Psicologia Analítica.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atendem satisfatoriamente ao que está disposto e é recomendado na Resolução CNS/MS n. 466/12 que trata das pesquisas que envolvem seres humanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O trabalho encontra-se em boa fase de desenvolvimento; é bem estruturado e bem escrito; prenuncia resultados bastante contributivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram todos apresentados, preenchidos, assinados, datados e postados na Plataforma Brasil, conforme orienta o Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP.

O TCLE - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado, atende a contento o que dispõe a Res. CNS/MS n° 466/12, permitindo ao participante (voluntário) compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados acima, conforme indicado pela Res. 466/12:

Endereço: Rua Ministro Godói, 999 - sala 63 C			
Cidade: Foz de Iguaçu		CEP: 95.015-001	
UF: SP	Município: SAO PAULO		
Telefone: (11)3570-3488	Fax: (11)3570-0488	E-mail: cometica@pucsp.br	

Página 02 de 04



Continuação do Parecer: 1.088.268

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomenda-se a aprovação na íntegra da pesquisa em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

Para ter acesso ao PARECER CONSUBSTANCIADO na íntegra, assista ao vídeo tutorial disponível em:
<https://youtu.be/OcVt5yqHkG8>

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PS_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_802988.pdf	07/10/2016 18:20:12		Aceito
Outros	oficio_de_apresentacao.docx	04/10/2016 19:34:34	ANA CRISTINA DE ANGELIS VIZZA	Aceito
Outros	PARECER.PDF	04/10/2016 19:33:51	ANA CRISTINA DE ANGELIS VIZZA	Aceito
Outros	Autorizacao.pdf	04/10/2016 19:33:08	ANA CRISTINA DE ANGELIS VIZZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochure Investigador	PROJETO.docx	04/10/2016 19:31:15	ANA CRISTINA DE ANGELIS VIZZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	04/10/2016 19:28:55	ANA CRISTINA DE ANGELIS VIZZA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.PDF	04/10/2016 19:28:23	ANA CRISTINA DE ANGELIS VIZZA	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Ministro Godoi, 660 - sala 63 C
Cidade: Piracicaba CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SÃO PAULO
Telefone: (11)3570-8485 Fax: (11)3570-8486 E-mail: conetica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Contribuição do Passado: 1.000.000

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SÃO PAULO, 11 de Janeiro de 2017

Assinado por:
Edgard de Assis Carvalho
(Coordenador)

Endereço: Rua Ministro Godoi, 999 - sala 80 C
Cidade: Portofelis **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3070-8488 **Fax:** (11)3070-8488 **E-mail:** carvalho@pucsp.br

Página 4 de 4

APÊNCIE A – Questionário Online

Esse questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso “A construção do perfil virtual: Um estudo sobre os usuários do Facebook”, do curso Psicologia da PUC-SP, realizada pela aluna Ana Cristina De Angelis Vizza e orientada pela Professora Dra. Ivelise Fortim. O objetivo da pesquisa é investigar como as pessoas constroem os seus perfis no Facebook.

A pesquisa será dividida em duas partes. A primeira parte será feita através deste questionário para selecionar as pessoas de acordo com o perfil da pesquisa. Posteriormente, haverá uma entrevista semi-dirida com os voluntários que estiverem de acordo com os pré-requisitos da pesquisa.

Todas as informações coletadas durante a pesquisa serão mantidas em sigilo.

O voluntário poderá desistir de participar da pesquisa, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Durante todo o processo da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através dos contatos: anavizza@hotmail.com e/ou (11) 992580725

Declaro que li e estou de acordo com os termos acima

() Sim

() Não

Nome:

Idade:

Telefone para contato:

email:

1. Qual a frequência de acesso semanal ao site Facebook?

-) Diariamente
-) Duas ou três vezes por semana
-) Quatro a seis vezes por semana

2. Qual a frequência que você costuma compartilhar alguma postagem ou meme no Facebook?

-) Diariamente
-) Uma ou mais vezes por semana
-) Às vezes, uma ou mais vezes por mês
-) Muito raramente, intervalo maior que um mês entre uma postagem e outra

3. Você costuma postar fotos ou opiniões próprias no Facebook?

-) Diariamente
-) Uma ou mais vezes por semana
-) Às vezes, uma ou mais vezes por mês
-) Muito raramente, intervalo maior que um mês entre um poste e outro

4. Você se dispõe a participar de um entrevista semi-dirigida, para falar um pouco sobre o seu perfil no Facebook?

-) Sim) Não

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista

1. Com relação ao conteúdo

- a) Me fale um pouco sobre o seu Facebook.
- b) O que você mais gosta de colocar no Facebook?
- c) Você curte páginas no Facebook? Qual tipo de páginas são? (ex: artista, memes, política)
- d) Qual tipo de conteúdo você não compartilha? Por que?
- e) Você já se arrependeu de ter colocado alguma coisa no seu Facebook? Por que?
- f) Você já deletou ou modificou alguma postagem? Por que?
- g) Você já fez alguma publicação cujo conteúdo você não concordava completamente? Por que você fez essa publicação?
- h) Você já compartilhou alguma publicação, escrevendo a sua opinião pessoal sobre ela?
- i) Você costuma publicar textos e opiniões próprias sobre um assunto?
- j) Você já fez uma postagem para mostrar alguma coisa específica para outros usuários?
- k) Você costuma colocar mais coisas relacionadas ao lazer ou ao trabalho?

2. Com relação a sua imagem

- a) Na sua opinião, seu perfil reflete o que você é?
- b) Quando você posta alguma coisa você tem a preocupação de quem vai ver ou o que vão pensar sobre o que você colocou?

3. Com relação a privacidade

- a) Você se preocupa com o seu grau de exposição no Facebook?
- b) Você já deixou de postar alguma coisa que tinha vontade?
- c) Seu Facebook é bloqueado ou aberto ao público?
- d) Você permite que as pessoas te marquem em fotos?

APÊNDICE C – Transcrição das Entrevistas

Participante A

Homem – 23 anos – Acessa diariamente o Facebook - Compartilha postagens diariamente - Compartilha fotos e/ou opiniões próprias uma ou mais vezes por semana.

E: Me fala um pouco sobre o seu Facebook

A: Eu costumo postar coisas que me interessam e que eu acho que vão interessar as outras pessoas, também. Geralmente, com conteúdo mais de comédia e vira e mexe eu compartilho alguma coisa de desenho ou alguns quotes, algumas citações que eu acho que são interessantes.

Algumas coisas, assim, que eu acho que me identifico muito como algumas frases, pode ser letra de música. Eu compartilho bastante vídeo de música, também, e algumas fotos do meu dia a dia, algumas selfs e é isso daí.

E: Você falou que é mais ou menos com o que as pessoas vão se interessar?

A: Isso.

E: E você espera que as pessoas curtam as suas coisas?

A: Sendo bem sincero, eu tenho horários que eu gosto de postar, porque eu acho que são os horários que eu acho que as pessoas vão ver e que elas vão dar “likes”, porque eu gosto muito de ver que uma pessoa está feliz com aquilo que eu postei. Então, por exemplo, se eu vejo que aquela pessoa deu aquele curtir novo que é o “haha” ou posta uma risada eu fico muito satisfeito em ver a felicidade do outro, eu acho isso muito legal.

E: As coisas que você coloca são, geralmente, de páginas do Facebook ou você coloca coisas próprias?

A: A grande maioria são de páginas do Facebook que eu acho ou são páginas de pessoas que compartilharam e eu vou ver a página e me interesso curto a página ou mesmo coisas de outras redes sociais, tipo twitter, tumbler.

E: Você curte páginas no Facebook? Qual tipo de páginas são?

A: Sim, geralmente são de memes. Sabe bem voltado para comédia. Mas eu também curto algumas páginas que tem algumas citações de música que são sabe, não chega a ser depressivo, sabe, mas são uma coisa mais introspectiva que quando eu leio eu me sinto vulnerável, eu gosto bastante de ler bastante alguma coisa de uma música e me identificar.

E: Qual tipo de conteúdo você não compartilha?

A: Eu acho que futebol. Eu não compartilho nada de esporte, assim no geral. E acho que só.

E: Por que?

A: Não me interessa e também acho que não vai interessar os outros. O meu círculo social, de amigos que eu tenho, acho que não vai interessar a eles.

E: Você já se arrependeu de ter colocado alguma coisa no seu Facebook? Por que?

A: Já, eu até excluí a coisa. Era uma gif que falava... eu acho que era uma mulher trans comentando que as feministas radicais que elas acham que ... eu não lembro direito como que era o contexto, mas fala que “ah, então se você acha que a mulher é só um pedaço de vagina que anda”.

Então, uma amiga meu veio falar comigo e falou assim “ eu vi aquilo lá que você postou e deixa eu te explicar” ela me explicou mais de como é essa luta das feministas radicais e eu percebi que aquilo lá foi impróprio. Eu percebi que aquilo lá foi impróprio, porque eu não faço parte dessa luta e eu acho que também não cabe a mim julgar isso. Então, depois que ela me falou e me ensinou algumas coisas eu percebi que aquela postagem foi errada e eu deletei ela.

E: Você já modificou alguma postagem?

A: Já, mas geralmente é por conta de erro gramatical.

E: Você já compartilhou alguma publicação, escrevendo a sua opinião pessoal sobre ela?

A: Depende da publicação, tem aquelas coisas que são autoexplicativas tipo um meme, sabe. Às vezes, eu compartilho, tipo nossa ri muito. Se eu for fazer um comentário é alguma coisa de teor mais político que aí eu dou minha opinião. Na

grande maioria das vezes, eu não comento nada. Às vezes, quando eu compartilho algum vídeo de música eu pego alguma parte da letra que eu acho que me identifico naquele momento e faço, mas é só isso.

E: Você já fez alguma publicação cujo conteúdo você não concordava completamente?

A: Como assim?

E: Pode ser uma reportagem, um texto, por exemplo, que você só concordava com partes daquilo?

A: Eu acho que já, porque há algumas vezes que eu compartilho algum assunto assim e eu posso discordar de algumas coisas aí eu posso escrever do que eu discordo.

E: Você disse que você posta um pouco de tudo no seu Facebook. Mas o que você mais gosta de colocar no seu Facebook?

A: Memes

E: Os textos e suas opiniões, geralmente tem algum tema específico que você coloca?

A: Geralmente, é uma coisa de política ou alguma coisa mais de militância. Da parte LGBT. Às vezes, quando vejo alguém dando um fora eu posto algum texto. Não marco a pessoa, mas eu deixo lá, tipo no ar, fica a dica da leitura.

E: Nesse sentido, então você costuma colocar coisas para um usuário específico?

A: Sim, porém não marco. Ou, às vezes, eu marco. Depende do tipo de situação.

E: Você costuma colocar mais coisas relacionadas ao seu lazer ou ao que você estuda/ trabalha?

A: Ao meu lazer.

E: Você acha que o seu perfil reflete ao que você é?

A: Sinceramente, não. Eu acho que eu me escondo muito atrás de coisas engraçadas, como se fosse um suposto alívio cômico, sabe. Não sei se é essa palavra adequada que eu devo usar aqui. Eu acho que reflete uma coisa, mas não totalmente. Eu acho que eu sou uma outra pessoa.

E: Você tem preocupação de quem vai ver o que você coloca?

A: Não

E: Ou o que vão pensar sobre aquilo?

A: Não, inclusive uma vez eu até levei uma bronca do meu pai, porque eu tinha feito uma postagem e aí o meu pai “o que é que as pessoas vão falar ao ver isso? ”, aí eu falei “não sei, elas não têm nem o que pensar. Está no meu Facebook. Se ela se incomodou vai lá na página principal e desfaz a amizade ou para de me seguir, eu não vou me importar eu tenho 23 anos, eu sou maduro o suficiente para saber dessas coisas e saber lidar com essas coisas, então tipo estou nem aí.

E: Qual seria a maior diferença entre o seu perfil e o que você realmente é? Pensa em alguém que te conhece pelo Facebook e outra que conhece fora dele.

A: Eu acho que no Facebook eu sou uma pessoa muito mais extrovertida e menos preocupado. Eu no Facebook sou muito diferente de eu da vida real, porque eu do Facebook não me preocupo com problemas do dia a dia, se eu for me preocupar com algum problema do dia a dia eu sempre tento fazer alguma coisa com o teor mais cômico, sempre tento fazer uma piada. Mas quando eu estou comigo na vida real eu sou totalmente diferente, eu não faço piada, fico totalmente preocupado eu tenho meus problemas e minhas tensões.

E: Você se preocupa com o grau de exposição do Facebook?

A: Sim, as minhas postagens são só para amigos. Salvo algumas coisas que não tem como esconder, tipo capa do Facebook. Aí eu tento ser um pouco mais estrito. Não sei se vale a pena contar, mas em outras redes sociais como por exemplo Twitter, meus Twitters são trancados só quem é o meu amigo eu deixo ver, as minhas fotos no Instagram, também, são trancadas, só quem eu deixo me seguir que podem ver, mas o Facebook também, no Facebook eu também tiro algumas pessoas da minha família. O que eu público eu não deixo algumas pessoas da minha família ver, ou geralmente aquela coisa que você está fazendo uma postagem sobre jogo online e a pessoa “aí não sei o que, estou com saudades”, sabe? Não tem cabimento para aquilo lá e eu não quero falar para a pessoa que é chato fazer isso, então quando eu vou postar algumas coisas, na maioria das vezes, eu criei um grupo no Facebook eu coloco pessoas da minha família para não ver aquilo lá.

E: Para você aceitar as pessoas no seu Facebook tem algum critério?

A: Tem depende da pessoa, por exemplo, pessoa que estudou comigo e a gente não tinha contato, eu não vejo necessidade de manter numa rede social. Primeiro porque eu não me interesso e, segundo, porque a pessoa não se interessava na época da escola, então para mim tanto faz sabe.

Quando é desconhecido e você vê que é uma pessoa bonita assim, sabe né? Aí eu adiciono, mas às vezes tenho amigos de jogos online, que me fala para passar o Facebook, aí eu passo e adiciono. Mas depende muito eu não costumo adicionar muitas pessoas tanto que meu Facebook acho que tem 500 amigos, tem gente que tem 3000.

E: Você já deixou de postar alguma coisa que tinha vontade

A: Já ainda mais quando algumas vezes quando eu posto letras de música são com certas indiretas para algumas pessoas, e aí eu deixo de postar porque eu acho que a pessoa vai entender aquela indireta e eu não quero problema para cima de mim, então eu não posto.

E: Você permite que as pessoas te marquem em fotos?

A: Sim, que me marquem em fotos, que escrevam no meu mural, que me mandem mensagem.

Participante B

Mulher- 24 anos – Acessa diariamente o Facebook - Compartilha postagens uma ou mais vezes por mês – Compartilha fotos e/ou opiniões próprias uma ou mais vezes por semana.

E: Me fala um pouco sobre o seu Facebook

B: O que é que eu tenho que falar?

E: Fala um pouco sobre o que você coloca.

B: Em relação ao que eu posto, ao meu perfil e não ao que eu vejo no meu feed?

E: Sim

B: No meu é basicamente foto, eu posto uma coisa ou outra quando, sei lá, estou assistindo uma série ou alguma premiação, alguma coisa assim, mas basicamente é foto.

E: O que você mais gosta de colocar

B: Foto.

E: Alguma foto específica?

B: É, então mais quando eu viajo assim e tal, colocar ou de algum momento especial.

E: Você curte alguma página?

B: Eu curto bastante página de séries e de coisas relacionadas. Então, por exemplo, lançamentos da Netflix, então eu consigo saber dos lançamentos e consigo saber o que é que tem de novo. Eu curto bastante página de notícias do mundo pop, assim de modo geral. É basicamente isso. Ah, Busy feed, essas coisas de essas paginazinhas que tem receitas, sabe essas de vídeos rápidos? Algumas páginas de conteúdo de humor. Basicamente isso.

E: Você costuma compartilhar?

B: Compartilhar é pouca coisa. Geralmente, eu visualizo, curto, comento, mas compartilhar é pouca coisa.

E: O que você compartilha mais?

B: A última coisa que eu compartilhei, por exemplo, foi um vídeo da Titi, esqueci o sobrenome dela, mas é ela falando sobre um show lá no Lollapalooza de um cara que era machista e falando um monte de coisa. Então é mais nessa questão do machismo, essas coisas. Esses assuntos que são de interesse geral, de machismo, feminismo, essas coisas eu gosto de compartilhar.

E: Você já se arrependeu de ter colocado alguma coisa.

B: Já. Já.

E: O que é que você fez?

B: No primeiro ou no segundo ano da faculdade eu fiz um vídeo para uma promoção, era uma paródia, que eu tinha que fazer para uma promoção para conhecer a Taylor Swift. Só que assim, ficou pouco tempo online e tal, só que já foi o suficiente para algumas pessoas salvarem o vídeo e eu tenho certeza que algumas tem até hoje.

E aí, nesse contexto da faculdade, o vídeo acabou tomando umas proporções muito grandes e ruins, né. De tipo, reunião da empresa júnior, em dia de confraternização, eles passaram o vídeo mesmo sem eu fazer parte da instituição, nem nada e sem minha autorização. Eu fiquei sabendo por terceiros, que me contaram.

E: Tem mais alguma publicação que você chegou a modificar ou deletar?

B: Acho que o maior foi isso mesmo, só se for alguma coisa bobinha. A deletei porque ninguém curtiu um dia inteiro e aí eu falei “ninguém quer ver isso mesmo”, aí eu tiro, sabe. Porque eu acho que o intuito de compartilhar é você mostrar para outras pessoas, porquê se for só para eu ver, eu não preciso compartilhar. E aí se ninguém curte não tem porque está lá. Eu posso salvar e aí só eu vejo.

E: Você já fez alguma publicação que você não concordou com o conteúdo completamente, só em parte?

B: Como assim? De eu escrever no meu Face? Não, acho que não.

E: Pode ser algum texto que você viu e pensou que tinha algumas partes que você acreditava ou concordava, mas não era tudo.

B: Eu não sei, não lembro de nenhum específico, mas se eu fiz isso eu deixei claro. Tipo assim, compartilhei algum texto de opinião e escrevi falou algumas verdades,

mas nessa parte aqui não. Mas no geral, acho que não, porque eu não consigo lembrar de nenhuma situação específica.

E: Você já compartilhou alguma publicação que você escreveu a sua opinião sobre aquilo?

B: Já. Provavelmente alguma sobre a questão do feminismo. Eu acho que naquela época que teve a questão da menina que foi estuprada por 30 caras, sei lá, 13, eu acho que compartilhei alguma coisa, nessa época. Não lembro o que, especificamente. De empoderamento eu costumo falar algumas coisas.

É que na verdade, eu não compartilho muitas coisas de opinião, porque eu não quero criar polemica no meu Facebook. Eu não preciso disso, ficar causando polemica numa rede social e depois as pessoas ficarem com problema, achando, que tipo, que essa é minha opinião em relação a tudo e é imutável. Tem muita gente que só lê uma coisa e já julga todo resto, eu prefiro evitar esse tipo de situação, no meu Facebook.

E: Quando você faz alguma publicação você costuma escrever que tipo de conteúdo?

B: No geral, eu posto mais foto mesmo. Não tem muita coisa.

E: legenda de foto?

B: Eu coloco ou frase de música ou de algum poeta. Mas se é uma foto específica eu coloco essas legendas, empoderamento, feminismo, essas coisas.

E: Você já fez alguma publicação específica para algum usuário?

B: Tipo uma indireta?

E: Sim.

B: Já claro, com certeza. São geralmente, de coisas que aconteceram. Por exemplo, se eu discuti com alguém ou se alguém falou alguma coisa ruim sobre mim. Aí eu vou lá e coloco uma foto para mostrar que não é aquilo. É mais sobre alguma coisa que aconteceu do que eu não quero falar com aquela pessoa.

E: Você costuma colocar alguma coisa ligada ao trabalho ou é mais ligada ao lazer?

B: Lazer, eu evito colocar coisa de trabalho. A não ser quando é uma confraternização ou alguma coisa específica tipo um prêmio ou alguma coisa assim, mas de dia a dia do trabalho eu evito.

E: Você se preocupa com quem vai ver as suas publicações?

B: Como assim?

E: Talvez filtrar as suas publicações, no sentido de deixar de pôr o que você gostaria com medo de quem vai ver ou o que vão pensar daquilo?

B: Sim. De modo geral, não. Porque, por exemplo, família eu não tenho no meu Facebook, porque eu sei que gera comentários ruins, inveja, então eu não tenho, mas eu ainda sim eu evito publicar certas coisas, porque eu sei que muita gente fala certas coisas e julga, que não tem nada a ver, então eu evito.

Por isso que eu evito muito de expor a minha opinião, porque, às vezes, a pessoa não discute com você ali na hora no Facebook e pensa um monte de coisa, acaba espalhando para outras pessoas e acaba não vindo falar, entendeu. Eu, as vezes, acho isso até pior do que gerar alguma discussão no meu Facebook mesmo. Aí eu evito algumas vezes sim.

E: Qual conteúdo você não coloca?

B: Não coloco opinião muito específica, justamente pela questão de polemica.

E: As coisas que você coloca, você costuma colocar no modo público ou privado?

B: Eu deixo só para os amigos, eu evito deixar público por causa dessa questão de família e tal, mas está no Facebook né. As pessoas que estão adicionadas, eu não vejo porque não mostrar para elas.

E outra coisa, de filtrar as pessoas, deixar só para algumas e tirar para outras, eu não tenho nenhum tipo de filtro assim não, porque eu acho que se eu quero que uma pessoa não veja, eu acho mais fácil já não ter ela no meu Facebook, ao invés de eu ficar filtrando.

E: Você tem algum critério para escolher seus amigos

B: Só não tenho família. O resto é critério zero.

E: Então, qualquer um que te adiciona você aceita?

B: Eu vejo tipo se eu tenho alguns amigos incomum com a pessoa, se eu conheço a pessoa. Tipo esses perfis que tem 2 amigos, com nome árabe eu não aceito, mas esses que são tipo da faculdade, eu sei que é da mesma faculdade, tenho 50 amigos em comum. Eu sei que a pessoa é faculdade, tem um monte de amigos em comum, aí eu aceito, porque, às vezes, a pessoa precisa de alguma coisa, entendeu? Aí eu aceito. E se eu conheço também aceito.

E: Você permite que as pessoas te marquem em fotos

B: Eu permito, mas eu tenho que ver antes. Então, assim, eu deixo a marcação liberada, mas não deixo todas aparecerem na minha linha do tempo.

E: Na sua opinião, o seu perfil do Facebook reflete o que você é?

B: Sim, só tem foto. Pega o meu celular só vai ter foto também. E essa questão de feminismo tal também é uma coisa que eu tenho muito em mim. Eu acho que reflete total.

E: Então se alguém te conhecer pelo Facebook ou pessoalmente vai conhecer a mesma coisa?

B: Sim, é coerente. Talvez, seja aquela coisa do Big Mac, né, porque nas fotos eu estou muito mais bonita do que pessoalmente.

Participante C

Mulher- 23 anos – Acessa diariamente o Facebook - Compartilha postagens uma ou mais vezes por semana – Compartilha fotos e/ou opiniões próprias uma ou mais vezes por semana.

E: Me fala um pouco sobre o seu Facebook

C: Eu acho meu Facebook bem alegre na verdade. Eu sou meio chata com o Facebook, porque eu tenho minha sequência. Eu não gosto de colocar muita foto, eu sempre tenho que revezar com alguma frase ou uma publicação de página que eu curto, tipo Disney irônica, essas coisas assim. Também, com coisas que eu acho interessante. Mas eu acho que eu tenho bastante publicação.

E: O que você mais gosta de colocar no Facebook?

C: Foto, mas como eu disse gosto de revezar. Às vezes, quando eu vejo uma frase que eu gosto eu digito. Eu não gosto muito de compartilhar lembranças, eu compartilho algumas que realmente fizeram sentido, mas eu realmente não gosto. Eu gosto mais de publicar foto, mesmo, ou alguma publicação de página que eu curto.

E: Que tipo de página você curte?

C: Eu curto páginas de comedia tipo Disney irônica e Cloe. Não sei se eu curto muita página, eu tenho curtido mais página de viagem e acho que só. E eu, também, curto página de dois escritos que eu gosto, do Caio de Abreu e do Zack Magiezi, acho que é só isso.

E: Você falou que gosta de colocar frases, as frases que você coloca é você que cria?

C: Não, normalmente eu vejo dessas páginas do Caio Fernando de Abreu. Mas eu não compartilho, eu digito, normalmente entre aspas para saberem que não fui eu que escrevi. Raras vezes eu coloquei alguns pensamentos meu, porque eu acho que se eu colocasse tudo o que eu estava pensando, eu acho que ia criar polemica. Eu coloco mesmo mais essas frases que eu acho que fazem sentido para mim e para a vida, aí eu coloco, mas sempre entre aspas.

E: Que tipo de conteúdo você quis dizer que pode criar polêmica?

C: Não sei, quando tem coisas que a gente vê na televisão dos partidos políticos, agora estamos com a história da lava jato e da oderbrech. Eu acho que muita gente começa a compartilhar suas opiniões e até mesmo postes. Aí começa a viralizar, aí o que não gosta vai lá e comenta, o outro também comenta, é isso que eu não gosto muito no meu Facebook. Eu acho que é começar, sei lá, intriga e poluir demais, então esse tipo de conteúdo eu não coloco. Eu não posto coisas que eu vejo que vai gerar muita opinião e coisa divergente, coisas que podem gerar intriga, então, eu prefiro colocar mais frase, fotos, essas coisas.

E: Você já se arrependeu de ter colocado alguma coisa no seu Facebook?

C: Às vezes, eu coloco uma frase ou alguma coisa que eu vejo ou uma foto e apago, porque não fez sentido naquela hora. Mas nunca de me arrepender do tipo “aí, meu deus, eu não devia ter postado isso”. É, não, talvez uma vez, eu estou lembrando agora, porque eu trabalhei na (empresa X), e quando eu trabalhei lá rolou um “trelele” (sic.) lá de justamente dos vândalos e tal tal tal. Eu estava lá no dia e publiquei um negócio falando do que eu achei e eu vi que, logo em seguida, começaram a comentar e tal, “mas isso não é bem assim”, então eu tirei, porque entrou na coisa de dar intriga, de gerar conflito e opiniões inversas, aí apaguei porque me arrependi, mas de resto não.

E: As publicações que você faz, você fez alguma que você não concordava completamente com o conteúdo?

C: Não, eu sempre costumo postar o que faz sentido para mim. Mesmo as coisas cômicas e das de comédias, que eu vejo na Disney irônica, eu compartilho coisas que eu acho que vão fazer sentido para mim, ali no momento.

E: Quando você compartilha alguma coisa de alguma página você escreve sobre aquilo?

C: Depende, se falar de comida eu coloco “ah isso é um fato”, mas eu não costumo escrever legendas gigantescas sobre a publicação ou eu coloco um emoji de risadas, quando é frase eu só coloco a frase mesmo. Eu, também, nunca coloco aqueles se sentindo ... eu só posto a frase mesmo. A não ser que aconteça alguma coisa na minha vida e, naquele momento, eu decidi colocar me sentindo agradecida. Mas se

for só uma postagem de uma página, eu não vou ficar colocando isso, ou eu coloco emoji ou eu coloco “é bem isso”.

Ontem mesmo, eu publiquei um negócio que eu achei com a cara da minha mãe Eu coloquei “olha aí, mãe, é a nossa cara”, mas nada com legendas extensas ou pensamentos do dia ou filosóficos, nada.

E: Você costuma publicar textos e opiniões próprias?

C: Não.

E: As legendas de foto, como você coloca?

C: Depende, normalmente eu vejo música. Eu coloco coisa que vem da minha cabeça, mas aí é uma palavra no máximo sei lá “paraíso”. Normalmente é uma palavra, mas geralmente eu vejo uma música ou um trecho do Caio Fernando de Abreu, ou do Zack Magiezi que eu adoro. Não procuro ficar filosofando em cima das coisas que eu posto, às vezes, é legenda direta e, às vezes, é só emoji mesmo. Várias vezes eu coloquei legenda de foto só emoji, mesmo.

E: Você já fez alguma postagem para uma pessoa específica?

C: A já né, ainda mais agora namorando eu sempre faço. Não sempre, na maioria das vezes.

E: E de modo indireto?

C: Não, eu dei uma vez a um tempo a trás, mas lembro que essa frase foi uma da minha cabeça. Não lembro direito, mas lembro que eu estava andando na rua e vi uma pessoa deficiente, ele não tinha o braço e nem a perna e ele estava andando, não era bem um skate, acho que era um carrinho adaptado para ele. Não lembro bem, mas sei que eu olhei aquilo e pensei “ainda tem pessoas que reclamam da vida” e um dia eu publiquei aquilo no Facebook. Não como indireta para uma pessoa, mas uma indireta para o mundo e para as pessoas que ficam reclamando à toa. Principalmente, para a gente que tem uma condição agradável, gente que é perfeita e não falta nada, ainda muita gente reclama, por isso eu coloquei “você está aí reclamando de barriga cheia”, no sentido de se toca, sabe? Mas não foi indireta para uma pessoa específica.

E: Você se preocupa com seu grau de privacidade?

C: Sim, eu tenho filtros, como por exemplo, pessoas desconhecidas não podem ver as minhas publicações, acho que é só a foto de perfil. Provavelmente, é a pessoa que entra e só vê as fotos de perfil. Na marcação, eu não deixo marcar automaticamente, eu tenho que aceitar ou não. Eu não lembro ao certo, mas todos esses recursos de privacidade eu tento utilizar.

E: Você tem algum critério para você aceitar alguma pessoa no seu Facebook?

C: Antes eu aceitava todo mundo. Hoje em dia, eu tenho critério de que se eu não conheço, eu não aceito. Só adiciono quem eu conheço, é claro que tem pessoas que eu conheço e conheço assim de vista e não conheço a fundo, mas a pessoa que nunca vi na vida e me adiciona ou que só vi uma vez na vida eu não aceito. A pessoa que eu não conheço, eu não aceito. Esses dias, por exemplo, eu fiz uma viagem para capitólio, as pessoas que eu conheci lá me adicionaram no dia seguinte, então eu vou aceitar. Mas pessoas que eu nunca vi, não aceito não. Antes eu aceitava, mas hoje em dia não aceito mais.

E: Você já deixou de postar alguma coisa que tinha vontade?

C: Acho que já depende ne algumas fotos eu postei uma foto de biquíni que eu fiquei com medo de postar eu sempre procuro postar foto que não exponha muito, mas não sei se eu já deixei. Eu acho que eu repenso muito antes de postar é diferente de eu acho que se arrepende depois. Como eu penso muito antes quando eu posto é porque eu já tenho nítido que eu vou postar aquilo.

E: Na sua opinião o seu perfil reflete o que você é?

C: Sim, meu perfil reflete o que eu sou.

E: Se alguém te conhecer pelo Facebook ou pessoalmente vão conhecer a mesma pessoa?

C: Sim, vão conhecer a mesma pessoa.

E: Você tem medo do que vão pensar quando você colocou?

C: Não

E: Você pensa em curtidas quando você coloca alguma coisa?

C: Eu penso, mas já pensei mais. Agora eu deixo mais coisas que eu posto sem ter muitos likes. Às vezes, eu posto uma frase lá, que só tem quatro likes e eu deixo. Antes não tanto, mas agora eu posto o que eu gosto, se curtir, curtiu e se não curtir, não curtiu. Eu posto, porque quis não é mais algo que vai afetar tanto a minha vida.

Participante D

Mulher- 22 anos – Acessa diariamente o Facebook - Compartilha postagens diariamente - Compartilha fotos e/ou opiniões próprias uma ou mais vezes por semana.

E: Me fala um pouco sobre o seu Facebook

D: Um pouco como?

E: Um pouco do que você coloca

D: Eu uso o Facebook muito como entretenimento, mas eu também uso bastante para receber notícias. Então, eu controlo mais ou menos quem eu tenho no Facebook. Tem muita gente que eu excluo, eu deixo mais quem eu gosto de ver o que posta, então eu vejo muita coisa engraçada e vejo um pouco de notícia.

E: O que você mais gosta de publicar no Facebook?

D: Então, até um tempo atrás, eu postava muito opiniões voltadas tanto para o movimento social, quanto movimento político, essas coisas, mas eu parei um pouco de fazer isso, porque eu achei que isto não estava me fazendo muito bem. Eu estava discutindo muito com o pessoal, e eu acabei saindo um pouco dos grupos que eu estava, para focar mais em outras coisas.

E: Essas opiniões que você colocava era você que escrevia ou você compartilhava?

D: Os dois.

E: Que tipo de página você curte?

D: Eu curto umas páginas que postam algumas coisas sobre o feminismo, curto algumas páginas do movimento LGBT, curto página de jornal variados e algumas páginas que postam humor

E: Tem alguma coisa que você não compartilha no seu Facebook?

D: Que eu não compartilho de jeito nenhum?

E: isso

D: Não sei, nunca parei para pensar. Acho que não. Depende do dia.

E: E você já se arrependeu de ter colocado alguma coisa?

D: Sim e não. Acho que de certa maneira algumas coisas sim e, por outro lado, não, porque é uma vida pública. Por um lado, algumas pessoas ficam sabendo e, talvez, a pessoa saber por esse meio não seja tão legal, mas ao mesmo tempo traz outras coisas, que se fosse por esse meio não traria.

E: Que tipo de coisas?

D: Por exemplo, meus pais são separados e eu posto muita coisa LGBT e eu sou bissexual. Então, meu pai tinha muitas amantes e, como o meu Facebook é aberto e eu nem sei fechar essas coisas, eu postava muita coisa LGBT e falaram para o meu pai que eu era lésbica, mas meu pai sabia que eu não era lésbica, porque eu já namorei muito cara. Ele ligou para a minha mãe para saber o que é que era e ela explicou que eu gostava dos dois e a reação dele foi muito interessante. Apesar dele nunca ter chegado em mim e falado que ficou sabendo, eu fiquei sabendo pela minha mãe. Então, de certa maneira, ele não sabe, mas é uma coisa que talvez teria sido bacana se eu tivesse contado, mas a reação dele foi uma coisa que eu gostei de ter visto e eu não esperava. Então, é isso, às vezes você se arrepende de alguma coisa, mas, por outro lado, também é legal.

E: Você já chegou a excluir ou modificar algum conteúdo?

D: Já

E: Por que?

D: Porque eu publiquei uma coisa e, depois, eu fui pesquisar a fundo e era mentira, então acabei excluindo. Também, coisas que começam a dar muita opinião e começa a dar briga eu excluí alguma coisa assim.

E: Você já compartilhou alguma coisa que você não concordava totalmente?

D: Já, mas aí eu acabo escrevendo que certa coisa eu não acho tão interessante, mas por esse lado também é bacana.

E: Você costuma escrever textos e opiniões?

D: Hoje em dia, eu evito muito fazer isso, mas, às vezes, acaba sendo difícil, porque nos jornais vira e mexe aparece alguma coisa que acaba sendo notícia e você acaba

compartilhando, isso demonstra a sua opinião. Não tem jeito, às vezes, você escreve uma frase que já mostra a sua opinião, então é bem difícil.

E: Os conteúdos que você coloca são mais coisas que estão acontecendo no mundo ou mais pessoal?

D: Eu coloco mais coisas no mundo.

E: Você já fez alguma postagem para alguém específico?

D: Indireta?

E: Sim

D: Acho que não

E: Você se preocupa com o grau de exposição que você tem no seu Facebook?

D: Então, eu passei a me preocupar depois disso que eu contei que aconteceu. Então, eu até tentei bloquear algumas coisas, mas eu sou uma pessoa muito zero à esquerda com tecnologia, por isso eu não sei muito mexer nessas coisas. Hoje em dia, eu me preocupo mais, mas acho que estamos muito sujeitos a isso com a internet. Então, algumas coisas eu repenso antes de postar devido a isso, mas tento não ficar neurótica.

E: Você já deixou de colocar coisas com receio de como os outros vão reagir?

D: Não, eu gosto de polemica.

E: Você permite que as pessoas te marquem em fotos, por exemplo?

D: Sim

E: Você precisa aprovar antes?

D: Não, está liberado

E: O seu Facebook é bloqueado ou aberto?

D: Eu acho que depois que aconteceu isso, eu bloqueei, mas eu não sei se eu bloqueei total, porque eu não lembro se quando eu fui bloquear... porque eu acho que quando eu vou postar alguma coisa dá para você bloquear só aquela coisa, eu lembro

que eu tentei bloquear e acho que está bloqueado, mas não sei o quanto bloqueado está.

E: Quando alguém te adiciona no Facebook você tem algum critério para aceitar?

D: Tenho, eu vejo se eu conheço, se eu não conheço eu vejo se é de algum grupo incomum, que eu tenho muito grupo no Facebook. Eu, também, vejo se as postagens da pessoa vão me irritar, se for me irritar eu já nem aceito

E: Na sua opinião seu perfil reflete o que você é?

D: Acho que sim.

E: Se eu conhecer você dentro do Facebook e fora do Facebook vou encontrar a mesma pessoa?

D: Acho que sim.